



Cadernos de Cultura e Educação para o Patrimônio



VOLUME
4



Cadernos de Cultura e Educação para o Patrimônio

VOLUME 4

Organização

Adriana Russi

Johnny Alvarez

Sonia Maciel

Catálogo na fonte. UFF / SDC / Biblioteca de Rio das Ostras.

C122 Cadernos de cultura e educação para o patrimônio / Adriana Russi, Johnny Alvarez, Sonia Maciel (orgs.). Niterói, RJ : s. n., 2015.

v.4 (il., algumas color.)
ISBN: 978-85-98853-24-6

1. Patrimônio cultural. 2. Oriximiná, PA. 3. Ednoeducação.
I. Russi, Adriana(org.). II. Alvarez, Johnny (org.). III. Maciel, Sonia (org).

CDD (22.ed.) 306.98115

Programa de Extensão
“Educação Patrimonial em Oriximiná”

www.patrimoniocultural.uff.br
proeduc.orixi.uff@gmail.com



Realização



Financiamento



Apoio



Parcerias



Equipe

Adolfo Neves de Oliveira Junior

Adriana Russi

Alda Helena Guerreiro de Carvalho

Carlos Augusto Fernandes Beta

Daniel Arruda Nascimento

Elmira Guerreiro de Carvalho Filha

Gilmar Rocha

Henrique Geovanine Macêdo Costa

Hilda Maria Vianna da Silva

João Marcos Luz

João Felipe Lobato da Cruz

Johnny Menezes Alvarez

Juliano Silva Tavares

Laise Siqueira

Larissa Silva da Conceição

Luiza Ribeiro Machado Costa

Marcela de Souza Endreffy

Maria Arlene Pereira Nogueira

Maria Damaris Cavazza Vianna

Mariah Ugheli

Mariana Paladino

Marina Ferreira de Souza

Mogany Pichancourt

Mônica Maria Raphael da Roza

Paloma Vieira Silva

Pedro Henrique Antonellini de Biagi

Pedro Henrique Grassi

Priscila Dias Caldas

Rejane de Mattos Moreira

Rodrigo Ferreira Duarte

Rosenei Gato

Sávio de Araújo Gomes

Sonia Maria Lopes Maciel

Terezinha de Jesus Alvarez Sampaio

Thaís Pinheiro Figueiredo

Thatyara da Silva Freitas Nogueira

Wallace de Deus Barbosa

Agradecimentos Especiais a Benedita Lobato e Ormezinda dos Santos Souza

Revisão: Ericson St Clair e Sonia Maciel

Projeto Gráfico e Diagramação: Marcelo Serrano Lopes

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Dilma Rouseff

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Alosio Mercadante

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor

Sidney Luiz de Matos Mello

Diretores da Unidade Avançada José Veríssimo

Elmira Guerreiro e Carlos Augusto Bêta

Pró-reitor de Extensão

Wainer da Silveira e Silva

Diretora do Instituto de Humanidades e Saúde do campus de Rio das Ostras

Adriana Russi Tavares de Mello

Coordenador de Integração Acadêmica

Ismar Araújo de Moraes

Chefe do Departamento de Artes e Estudos Culturais

Jorge Luiz Rocha de Vasconcellos

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
MENSAGEM DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ORIXIMINÁ.....	15
PARTE I	
EXPERIÊNCIAS NO PLANALTO E NO BAIXO TROMBETAS	17
CAPÍTULO 1	
Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião COMUNIDADE TABOCAL – ESTRADA DO BEC.....	19
CAPÍTULO 2	
Escola Municipal de Ensino Fundamental São Domingos Sávio COMUNIDADE ITAPECURU – BAIXO TROMBETAS	23
PARTE II	
EXPERIÊNCIAS ENTRE COMUNIDADES QUILOMBOLAS.....	29
CAPÍTULO 1	
Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco COMUNIDADES SÃO JOAQUIM, CACHOEIRA DA PANCADA, ESPÍRITO SANTO, ARAÇÁ DE DENTRO, ARAÇÁ DE FORA E SÃO JOÃO	31
CAPÍTULO 2	
Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida COMUNIDADE BOA VISTA CUMINÃ.....	35
CAPÍTULO 3	
Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco de Canindé COMUNIDADE DO LAGO JARAUACÁ.....	39
PARTE III	
EXPERIÊNCIAS ENTRE COMUNIDADES INDÍGENAS	43
CAPÍTULO 1	
Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Santidade ALDEIA SANTIDADE.....	45
CAPÍTULO 2	
Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Mapuera ALDEIA MAPUERA.....	53

APRESENTAÇÃO

Introdução

ETNOEDUCAÇÃO: Processo metodológico multidisciplinar no campo da Educação Patrimonial que visa a valorização dos saberes e das tradições (patrimônio material e imaterial) e o respeito pelo outro. Reconhece o pertencimento dos sujeitos em seus grupos sociais e lugares e inclui estratégias de pesquisas educacionais que promovam a memória coletiva. Ação educativa Dinâmica, participativa e ética que ocorre em ambientes escolares e fora dele. Essa abordagem se constrói na partilha e na convivência. Essa ação lida com o passado no Presente e se preocupa com a construção do futuro.^[1]

Caro leitor,

Aqui você encontrará experiências em etnoeducação realizadas ao longo do ano de 2014 em sete diferentes escolas da rede pública de educação do Município de Oriximiná: Escola São Sebastião (comunidade do Tabocal), Escola São Domingos Sávio (comunidade do Itapecuru), Escola São Francisco (comunidades do Araçá e do São Joaquim), Escola Nossa Senhora Aparecida (comunidade Boa Vista Cuminã), Escola São Francisco de Canindé (comunidade do Lago Jarauacá), Escola Santidade (aldeia Santidade) e Escola Mapuera (aldeia Mapuera).

Os textos que compõem este volume 4 dos Cadernos de Cultura e Educação para o Patrimônio foram elaborados por quase uma centena de mãos e cabeças. Os projetos em etnoeducação que deram origem a estes textos foram vivenciados por professores e estudantes de Oriximiná, professores e estudantes da UFF, membros das comunidades e outros colaboradores.

Como em nossas viagens a estas escolas, quando subimos o rio Trombetas ou enveredamos pelo interior oriximinaense, estes textos foram organizados por regiões. Assim, na parte I o leitor poderá conhecer as comunidades do Tabocal (na estrada do BEC) e do Itapecuru (Baixo Trombetas) que trabalharam com o tema comunidade/vizinhança e suas histórias. Na região do BEC, as escolas estão mais próximas do “centro urbano.” Trabalhamos inicialmente com a escola São Sebastião, que fica localizada na Comunidade Tabocal. A escola recebe alunos de oito comunidades que se encontram ao longo da estrada do BEC. A estrada do BEC tem importância singular para os habitantes do planalto, já que fora construída por migrantes. Inclusive, é importante destacar que o interesse da escola São Sebastião em participar de nosso Programa remete ao ano de 2013, em que professores e alunos puderam, juntos, levantar projeto que apresentava memorial dessa estrada. Em 2014, continuamos com o trabalho de etnoeducação, contando com duas visitas da equipe à região. Essas visitas representaram não só o fortalecimento dos laços entre escola e o programa, como também oportunidade de envolvimento da comunidade na construção de um projeto coletivo da memória do local. Os resultados serão apresentados a seguir. Já a escola São Domingos Sávio se situa no centro do lago do Itapecuru e atua como escola polo, atendendo diversas comunidades deste imenso lago situado na região ribeirinha, conhecida como Baixo Trombetas. O Programa Educação Patrimonial em Oriximiná, da UFF, esteve ao lado, no ano de 2013, de trabalho desenvolvido com os alunos desta escola. Neste trabalho, foi pesquisada e relatada a origem e história da Escola São Domingos Sávio. Buscando ampliar e dar continuidade às atividades do ano anterior, iniciam-se em abril de 2014, oficinas nas escolas e de visitas aos mais antigos moradores da região, visando escapar das posições dicotômicas e por vezes antagônicas que observamos existir entre os mais

1 Texto coletivo construído por educadores de Oriximiná, na ocasião da reunião de abril de 2015 entre educadores do Programa e educadores das Comunidades. Sobre o Programa Educação Patrimonial da Universidade Federal Fluminense (Brasil) ver: www.patrimoniocultural.uff.br

velhos e os jovens e entre os professores e alunos. Tais experiências serão relatadas no capítulo reservado à escola do lago Itapecuru.

Na parte II as vivências em comunidade, seu cotidiano, celebrações e atividades produtivas foram temas investigados pelos projetos das comunidades quilombolas. As comunidades quilombolas da região do rio Erepecuru, que estão envolvidas no programa, compreendem os Quilombolas do Jarauacá, Boa Vista Cuminã e São Francisco do Araçá. Essas comunidades estão localizadas no Rio Erepecuru-Cuminã, afluentes do Rio Trombetas, constituindo, com diversas outras comunidades, um território ocupado por remanescentes de escravos fugidos. As três comunidades abrigam escolas polo, recebendo alunos, professores e funcionários de outras comunidades quilombolas pertencentes à região. As comunidades escolares vêm construindo, há alguns anos, junto ao programa Educação Patrimonial em Oriximiná, parceria e percurso que serão apresentados posteriormente. Os textos buscam compartilhar o caminho percorrido pelas escolas, que apoiados em um projeto apostam em uma formação circular de ensino-aprendizagem, incluindo as múltiplas vozes dos comunitários, e em um saber que passa pela experiência do fazer, fortalecendo a autonomia do coletivo.

Na parte III o artesanato e o uso de plantas medicinais foram os temas escolhidos pelas comunidades indígenas do povo Katxuyana (aldeia Santidade) e Wai wai (aldeia Mapuera). Na região do alto Trombetas vivem hoje cerca de 18 diferentes povos indígenas, cujas aldeias margeiam os rios Trombetas, Mapuera e Cachorro. Falantes do tronco linguístico Karib, estes povos têm trajetórias e culturas próprias e muitos vivenciaram histórias de deslocamentos forçados e migrações. A despeito de suas singularidades, todos têm no território seu principal patrimônio. Alguns ainda anseiam pela demarcação de suas terras. Este é o caso, por exemplo, dos Katxuyana que vivem naquela região em algumas aldeias como Santidade e Chapéu e cuja população soma 350 pessoas, segundo dados de 2010. Diferente deles, os Wai Wai que já tem seu território demarcado, também querem garantir seus direitos, sobretudo à saúde e a uma educação que valorize seus processos próprios de aprendizagem e conhecimentos tradicionais e, ao mesmo tempo, proporcione conhecimentos significativos da sociedade envolvente. Organizados em diferentes aldeias ao longo do rio Mapuera, os Wai Wai formam hoje o povo indígena mais numeroso da região. A maior de suas aldeias é a Mapuera, habitada por mais de 1.200 pessoas e que congrega também outras etnias.

As memórias presentes nos textos deste volume dos cadernos revelam fragmentos de vivências e delas emergem descrições e narrativas de trajetórias construídas coletivamente, cada qual à sua maneira.

Assim, convidamos você a mergulhar nestas memórias e se deixar contagiar por estas experiências em etnoeducação!

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM ORIXIMINÁ

Desde 2008 a parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Oriximiná e o Projeto Educação Patrimonial vem contribuindo para troca de experiências relevantes para o ensino aprendizagem e possivelmente para a conscientização do patrimônio cultural das comunidades. Hoje, percebe-se com mais evidências as vivências culturais em um grau maior no que diz respeito aos modos de sentir, pensar, sonhar e agir de nossas localidades. As contribuições culturais herdadas dos nossos antepassados vêm sendo visíveis, em certos casos, chegam a constituir os fundamentos essenciais da identidade cultural de alguns segmentos mais importantes da população. Olhar para arte pode ser tão simples como olhar para as estrelas e percorrer essas experiências relatadas por professores pesquisadores participantes do projeto nos remete a uma viagem pelas localidades, suas manifestações culturais, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados.

Enquanto Diretora da Educação Básica do Campo posso expressar que o conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. E as experiências aqui relatadas levaram ao fortalecimento das relações que o projeto tem a construir em parceria com a comunidade e colaboradores a memória local. E o mais importante é que este trabalho não ficou apenas entre alunos e professores, conta em várias ocasiões com a participação de membros das comunidades como os barqueiros, pais, alunos, professores e comunitários ainda com receptividade de todos os envolvidos, características marcantes das comunidades. Diante das evidências, conforme se comprova nesta obra, entende-se, que o trabalho que envolve a educação patrimonial pode promover aprendizados, vivências, socialização, conscientização de identidade cultural e de responsabilidade com o meio ambiente e grupo social.

O projeto de Educação Patrimonial também é um instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sócio-cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo levou ao reforço da autoestima dos indivíduos, comunidades e à valorização da cultura, compreendida como múltipla e plural. Assim, diz-se que o diálogo permanente que está implícito neste processo educacional estimula e facilita a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos patrimônios, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e valorização dos mesmos. Fato este que comprova tal parceria.

Só resta-nos desejar uma boa leitura e que todas as experiências aqui descritas possam contribuir para que o professor seja um pesquisador e contemple esse aprendizado no chão das salas de aulas. Pois, a partir do momento que tais relatos tornam-se registros concretos, temos fontes de pesquisa para as futuras gerações.

MARIA ARLENE PEREIRA NOGUEIRA

Diretora da Educação Básica do Campo

PARTE I
*EXPERIÊNCIAS NO PLANALTO
E NO BAIXO TROMBETAS*



CAPÍTULO 1

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO SEBASTIÃO COMUNIDADE TABOCAL – ESTRADA DO BEC

A escola São Sebastião fica localizada na estrada do BEC, Km 28, na comunidade São Sebastião – Tabocal e recebe alunos de oito comunidades que se encontram ao longo da estrada. O ano de 2014 foi o início da pesquisa-intervenção do Programa de Educação Patrimonial nessa região de Oriximiná, contando com duas visitas da equipe do projeto. O interesse da escola no projeto remete ao ano de 2013, no qual professores e alunos produziram uma pesquisa e um texto publicado nos Cadernos III do projeto sobre como foi construída a estrada do BEC.

No primeiro semestre de 2014 a equipe do projeto programou uma visita de uma semana com intuito de iniciar os trabalhos do ano, porém esse encontro foi reduzido para apenas uma manhã, devido a algumas dificuldades estruturais que a escola enfrentava na época, tais como problemas na bomba que abastece o local e falta de merenda escolar. As condições precárias da estrada principal, que liga a comunidade à escola, também influenciaram na visita, assim como a intensificação do período das chuvas, que impossibilitava o transporte dos alunos.

Naquela manhã pais, estudantes e professores se reuniram para discutir essas questões e programar como seria o andamento do ano letivo quando a situação se normalizasse. Foi separado um tempo desse encontro para se comentar sobre o projeto e o que ocorreria em nossa próxima visita, com o intuito de despertar o interesse da comunidade e comentar sobre o trabalho concluído no ano de 2013. No segundo semestre de 2014 a equipe do projeto retornou, agora com a escola em pleno funcionamento, e ficou hospedada em um alojamento junto com

os professores, no entorno da Escola. Este alojamento é utilizado por professores que moram na cidade de Oriximiná, situada a 56 km de distância da escola, e ficam hospedados durante os dias em que lecionam. A estadia nesse local demonstrou aos leigos de campo que as práticas locais por mais simplórias, conjecturaram uma coletividade que atravessa, a todo o momento, a prática docente. Uso compartilhado das instalações e a compra e produção da própria comida realizada pelos professores são exemplos. A equipe responsável pelo projeto não demonstrou dificuldades diante dos problemas que a comunidade passa, como falta de energia elétrica, ausência de saneamento básico. Em nenhum momento a equipe ficou desestimulada diante das situações tão adversas ao seu cotidiano no estado do Rio de Janeiro.

As decisões das atividades a serem realizadas ao decorrer do dia eram tomadas de maneira coletiva, antes do início das aulas, em reunião entre a equipe e os professores da escola. Começavam

as aulas os professores e alunos entravam nas salas e a equipe circulava pela escola se integrando à rotina. No primeiro dia a equipe foi apresentada aos alunos e foi feita uma rápida exposição, de sala em sala, sobre o que é e como funciona o projeto.

Os professores, a partir da decisão coletiva de como aconteceriam as atividades, organizaram nossas visitas em algumas das comunidades que consideravam mais representativas e que tinham a disponibilidade de nos receber. Após as aulas saíamos com o transporte escolar, ônibus ou caminhões com caçambas que eram improvisadas com bancos, conhecidos como “pau de arara”, com destino às comunidades onde aconteciam os encontros entre projeto, professores, estudantes e comunitários. As comunidades visitadas foram o Jamararú, Ramal dos Três, Murta e Babaçu, onde fomos acolhidos pelos moradores que abriram as portas com muita boa vontade aos pesquisadores e professores envolvidos no projeto. Essas idas às comunidades foram planejadas com o





propósito de entrevistar os moradores mais antigos, entretanto, nos deparamos com algo muito maior do que o esperado. Foi a oportunidade perfeita para a integração entre os pais comunitários e os professores envolvidos que puderam conhecer melhor a história das comunidades, suas características e particularidades. A equipe do projeto procurava mediar e estimular a comunidade a contar sua história para si mesma, já que muitos fatos relacionados ao surgimento das comunidades nem sempre eram do conhecimento de todos. Todos esses encontros foram registrados em fotos, vídeos e gravações de áudio.

A equipe junto aos professores ficou hospedada nas casas feitas de madeira, algumas vezes desocupadas, outras vezes de famílias daquelas comunidades, onde atávamos nossas redes em cordas ou escápulas. O banheiro fica do lado de fora da casa e não existe rede de esgoto. A energia, provida de gerador a diesel, era

somente ligada nos finais da tarde, momento usado pelas famílias para se reunir, jantar, conversar e assistir à televisão. E por esse motivo os refrigeradores, quando existem funcionam apenas nessa parte do dia, o que não garante, muitas vezes, a conservação de alimentos perecíveis, as carnes são consumidas frescas, guisadas ou assadas em fogueiras, utilizam-se alimentos cultivados e beneficiados na região e outros comprados na cidade.

A água de uso doméstico é extraída de rios, e igarapés, ou de poços. As atividades trabalhistas comuns são a pesca, pecuária, o roçado e a coleta da castanha-do-pará e Cumaru. Sendo estes elencados como influentes para a origem e manutenção das comunidades.

Os professores foram incentivados a continuar com a pesquisa sobre a fundação das comunidades e também a criarem desdobramentos sobre este tema com propostas de atividades por

todo o semestre letivo. Os estudantes das comunidades que não puderam ser visitadas pela equipe tiveram como tarefa entrevistar pessoas em suas comunidades para descobrir sua história e trazer para a turma.

Para os estudantes do ensino fundamental a proposta foi utilizar do material disponibilizado pelo projeto como giz, lápis de cor, canetas coloridas e papel, e foi sugerido que estes desenhassem o que mais gostavam ou consideravam representativo da comunidade onde moravam. Desenhos de animais nativos, a vida na roça e a castanha do Pará foram temas recorrentes.

A equipe do projeto procurou fazer um extenso registro audiovisual de todas as atividades, incentivando inclusive os próprios alunos e professores a fazerem o mesmo com seus celulares e equipamentos fotográficos. Deste modo foi proposto em reunião que fizéssemos uma foto de cada uma das pessoas que convivem na escola, professores, funcionários e alunos foram fotografados individualmente e em grupo como um “álbum escolar”. Posteriormente, por iniciativa de membros da equipe do projeto, foi feita uma impressão colorida simples no tamanho 7x5 (tamanho de foto para passaporte) e enviado para a comunidade como presente de recordação.

Em suma, consideramos muito proveitosa nossa experiência no projeto, pois além de todo conhecimento adquirido com a leitura de textos e suas discussões, pudemos desenvolver o senso de trabalho em grupo e tomada de decisões coletivas. O conceito de etnoeducação uma vez compreendido, transforma a maneira de se relacionar com o ensino, o aprender e durante esse processo aumentamos nosso horizonte para novas questões na área cultural e educacional.

Fica na lembrança o carinho e acolhimento de toda a comunidade do Tabocal, as conversas com os castanheiros e fundadores das comunidades e suas histórias de superação e bravura para se embrenhar na mata, o peixe fresco assado na brasa, as crianças sempre curiosas com os equipamentos da equipe, as rodas de conversa em volta do forno de farinha de mandioca, o dormir na rede, os banhos de cachoeira, o naufrágio do barco da equipe, onde felizmente nada de grave aconteceu a não ser os cadernos de anotações que foram perdidos...





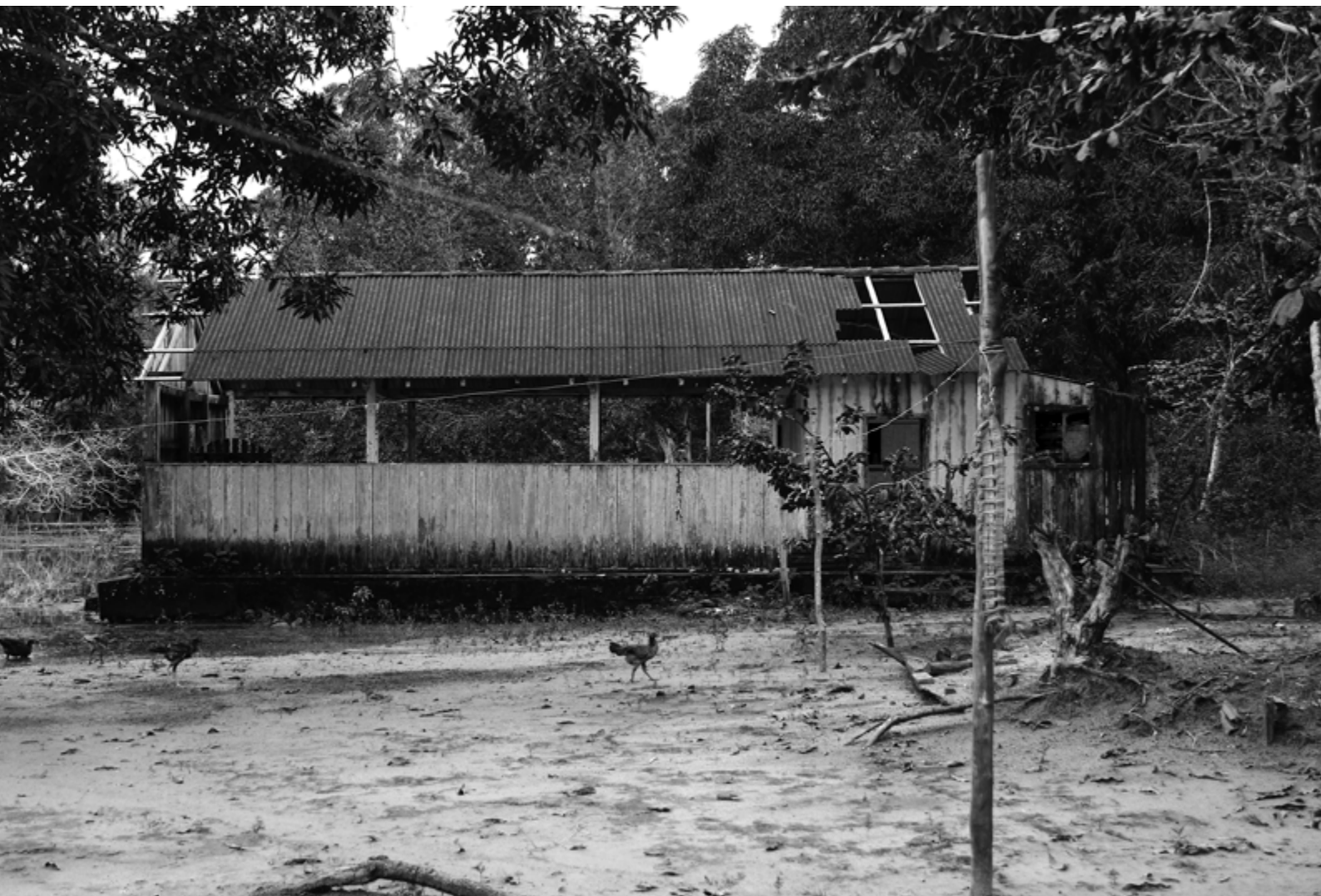
CAPÍTULO 2

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO DOMINGOS SÁVIO COMUNIDADE ITAPECURU – BAIXO TROMBETAS

Durante o período de vivência no Lago do Itapecuru, diversas práticas relacionadas ao ensino, à atuação política e à cultura transbordaram em forma de conhecimento. Práticas cotidianas puderam ser vivenciadas e narradas enchendo os corações daqueles que puderam compartilhar encontros e momentos de trabalho extremamente prazerosos e de certa maneira lúdicos.

A escola São Domingos Sávio se situa no centro do lago do Itapecuru e atua como escola polo, atendendo diversas comunidades deste imenso lago situado na região conhecida como Baixo Trombetas. Atualmente a escola é dirigida pela professora Santana Maria dos Santos Barbosa. O Programa de Etnoeducação Patrimonial da UFF esteve ao lado, no ano passado, de um trabalho desenvolvido com os alunos desta escola, pelos monitores do programa Mais Educação do governo Federal[1]. Neste trabalho foi pesquisada e relatada a origem e história da Escola São Domingos Sávio. Buscando ampliar e dar continuidade ao trabalho do ano anterior, inicia-se em abril de 2014, uma atividade de oficina de quatro dias em que a comunidade escolar faria um exercício de pesquisa e construção de narrativas, semelhante às atividades do ano anterior. Estas oficinas teriam como objetivo viabilizar sinteticamente modo de fazeres que se destacam no trabalho do programa nestas comunidades. Tais como realizar uma entrevista coletiva, incluindo alunos e tipos de narrativas (escrita, desenhos, áudio e visuais). Este pequeno exercício visa convidar, através do fazer coletivo, alunos, professores e demais membros da comunidade escolar a se juntarem às atividades do Programa de Etnoeducação Patrimonial.

1 Cf. Cadernos de Cultura e Educação para o Patrimônio – 3. Org. Adriana Russi, Johnny Alvarez e Sônia Maciel



No primeiro dia de oficina, uma segunda-feira, decidimos, com a direção da escola, que nosso exercício seria realizado sempre na primeira parte da manhã até as 09h30min para que as aulas pudessem ocorrer normalmente. Neste período, são realizadas as atividades do Programa Mais Educação, englobando atividades relacionadas ao esporte (monitora Ivanilce dos Santos), letramento (monitora Andressa Soares), horta comunitária (monitora Hélen Rossy) e Artes e Cultura (monitor Bento Ribeiro). Alunos do básico e do ensino médio realizam atividades sob a coordenação do Professor Elizeu Pereira dos Santos. Em grupo, decidimos que a atividade da oficina reuniria todos os alunos, monitores do “Mais Educação”, professores e merendeiras. Durante quatro dias, por duas horas, pela manhã, juntamos toda a comunidade escolar numa atividade comum, onde os fazeres foram compartilhados e decididos coletivamente. Neste primeiro dia organizamos as atividades, reunimos a comunidade escolar no pátio e decidimos que iríamos pesquisar a história e origem da comunidade do lago

de Itapecuru. Por unanimidade resolvemos convidar, para quarta-feira, os moradores José Garcia, Domingos Garcia e Professor Fernando, para uma conversa com a comunidade escolar, em que discutiríamos as histórias da formação destas comunidades.

Na terça-feira, reunidos no saguão da escola, após uma conversa com os participantes a respeito da atividade, elegemos as perguntas que seriam feitas aos convidados no dia seguinte. Foi escolhido também quem faria estas perguntas e como seriam registradas as atividades. As perguntas escolhidas foram:

- 1- Como e em que ano inicia-se a ocupação do lago do Itapecuru?
- 2- Quantas famílias participaram desta ocupação?
- 3- Quais os principais nomes destes fundadores?
- 4- O eles faziam nesta época?
- 5- De onde eles vieram?
- 6- Quais os principais meios de transporte?
- 7- Qual a origem do nome Itapecuru?
- 8- Quais as festas que eles realizavam nesta época?

Toda a atividade foi realizada pelos alunos que se voluntariaram para fazer as perguntas e registrar através de escrita, fotos e desenhos.

Morador antigo da região e um dos responsáveis pelo ritual dos “Encomendadores de Almas” ou “Rezadores de Almas”, realizado anualmente durante semana santa, Sr José Garcia nos recebe com café e água. Limpando um Tatú que havia sido caçado por seu sobrinho na véspera, Sr José Garcia conta que já participou de conversas com pesquisadores da UFF a respeito dos Rezadores de almas. Dispõe-se a ir à escola para conversar com os alunos e louva a iniciativa diante da perda da memória a respeito dos acontecimentos antigos da região. Depois de uma longa conversa, o caminho aponta para a casa do irmão mais novo de Sr José Garcia, Sr Domingos Garcia. Tal como o irmão mais velho Sr Domingos também participa do ritual e também esteve no passado com um grupo da UFF. Sua casa fica um pouco mais distante da escola. Sr Domingos aceita o convite e diz que estará na escola no dia seguinte. Por último, a visita à casa do professor Fernando. No momento do entracamento do barco avista-se, ao lado da moradia do professor Fernando a casa da primeira escola do Lago (foto 01), construída por seu pai. Já era hora do almoço, professor Fernando e sua esposa Luiza convidam

seus visitantes para cear. Guisado de galinha caipira, arroz, feijão e farinha são servidos com fartura. Conversa em torno da comida tem início e diante de visitantes distantes, Dona Luiza esquenta um pouco de Pirarucu ao molho da castanha do Pará, que sobrava da véspera. Alternando colheradas e palavras, histórias e cenas do passado remoto são servidas aos convidados. Fala mansa e muito detalhada, traz relatos da construção das casas que serviram de escola antes do prédio atual. Muitas risadas, como a da construção da igreja principal do centro do lago. No momento a Igreja, construída próximo à escola São Domingos Sávio, está imersa, pela metade, com águas do lago. O professor narra que na época de sua construção a água não subia tanto e que a escolha do local não foi equivocada. Mesmo assim os mais novos implicam com a escolha, argumentando falta de visão a respeito das cheias de rio. Rindo do desafio, o professor reitera que na época o rio não subia tanto como hoje. Sem notar a noite chega, e combinamos o encontro na escola do dia seguinte.

Quarta-feira cedo as crianças vão chegando e com elas tem início a preparação de nosso encontro. Cadeiras são arrumadas no pátio, uma grande mesa e quatro cadeiras são dispostas para os anfitriões. Certa animação paira no ar, diante de uma atividade atípica na paisagem escolar. Neste cenário, alunos,



professores, merendeiras e diretora estão numa mesma situação de aprendizagem, recebendo os “professores” locais, convidados a narrar uma história que eles mesmos vivenciaram ou escutaram. Notamos um agradável ambiente em que todos experimentam o sentido de serem protagonistas e atores do que será apresentado na cena. Muitas vezes o panorama das escolas leva os personagens a ocuparem posições hierarquizadas e principalmente a tratarem de temas e conteúdos descontextualizados de suas vidas e práticas cotidianas. Tanto os professores como os alunos estão diante de algo muito próximo de si e por isso o ambiente é fraterno, mesmo que atípico. Alunos de várias séries, junto com professores, monitores do “Mais Educação”, diretores e funcionários da limpeza e da merenda. Todos juntos sendo anfitriões dos convidados que neste dia seriam os mestres da escola. Muito rápido o ambiente está preparado. Alguns alunos portam câmeras para registrar o evento. Outros estão sentados diante de folhas em branco que logo receberão caneta e lápis para marcar suas narrativas em forma de letras ou desenhos. (foto 02)

A professora Santana faz as honras da recepção, agradecendo a todos e principalmente aos ilustres participantes. O monitor do “Mais Educação” Bento Ribeiro convoca os nobres convidados a se sentarem à mesa (foto 03). Durante duas horas vivencia-se uma conversa em que a comunidade escolar escuta, pergunta e anota as falas dos moradores. Descobre-se que mais ou menos da década de 1960, cerca de 17 famílias chegam a estas paragens e iniciam um povoado que vai chegar ao que é hoje. Estas famílias se espalharam ao longo do lago e que a primeira escola, que havíamos conhecido ao lado da casa do professor Fernando no dia anterior, se chamou São Pedro e teve na pessoa de Dona Ana Martins a sua primeira professora. Estas primeiras educadoras eram “professoras práticas”, pois não possuíam formação, mas se dedicavam na tarefa de “desemburrar” as crianças, que já começavam a se sentir “desemburrada” quando aprendiam a desenhar seu nome. Essas famílias, dos primeiros colonos, eram oriundas do município de Óbidos. A origem do nome Itapecuru é indígena, entretanto é desconhecido pelos palestrantes o seu significado. Dizem que os colonos já chegaram por aqui com o nome da região dado. Estas famílias viviam do plantio do tabaco, roça de mandioca, além do sustento da mata e rio (caça, pesca e extrativismo). O gado na época era uma atividade quase inexistente, tendo notícia de apenas um morador com a prática de criar este animal. A retirada da madeira também era uma opção econômica. O meio de transporte usual era a canoa de madeira a remo e a pesca era tradicional e artesanal.

A manhã chega ao fim e com ela nossa atividade. Fotos, desenhos e textos são construídos pelos alunos (foto 04). Agora em pequenos grupos a conversa perdura até a chegada dos barcos para

levar os alunos de volta para suas casas. Os ilustres convidados se despedem, demonstrando muita satisfação de prestarem um serviço a sua comunidade. Deixam a certeza e o entusiasmo à comunidade escolar para que possam numa outra oportunidade continuar ajudando. Fica combinado que na reunião pedagógica do dia seguinte iríamos avaliar a atividade e ver seus desdobramentos.

Na manhã de quinta-feira, com a presença dos professores e dos monitores da “Mais Educação” inicia-se uma reunião pedagógica. São discutidas questões referentes à rotina escolar, à falta da merenda, entre outras coisas. No fim, diante de um almoço preparado na escola, sentamos em torno da mesa e conversamos sobre os desdobramentos do programa de Etnoeducação Patrimonial nesta comunidade. Muitos professores ainda vêem o programa como mais uma atividade a se acrescentar a sua rotina de atividades pedagógicas. Reiteram a importância, mas muito de longe, sem se colocarem diretamente implicados. Discute-se, ilustrado pelas experiências anteriores, que o objetivo não é sobrecarregar com mais trabalho, mas qualificar o trabalho que já vem sendo feito e principalmente estender as relações de ensino e aprendizado para a comunidade, assim como trazer a comunidade para o ambiente escolar. Buscar um maior estreitamento entre comunidade e escola, ampliando os canais de comunicação e integração com a comunidade e principalmente com os pais dos alunos. Neste sentido, surge a ideia de visitas escolares às casas dos pais e familiares dos alunos, priorizando as famílias que vem enfrentando problemas para manter seus filhos na escola. Nestas visitas, além de conhecer a realidade que estas famílias vivem, a comunidade escolar poderá realizar atividades junto a estas famílias para ajudá-las a manter as crianças na escola. Problemas que vão desde a realidade financeira da família ao deslocamento até a escola, atravessam a rotina destas pessoas e que por isso devem ser tratadas pela escola. A atividade é batizada de “Mais Educação Sem Fronteiras”. Depois de algumas resistências ou adesões tímidas, professores, monitores e merendeiras decidem realizar um piloto na próxima semana à casa de uma família que vive bem distante da escola numa comunidade chamada de “Andirobal”, nome dado devido à existência de árvores de andiroba. Esta primeira visita de integração da comunidade escolar com a comunidade seria feita do mesmo modo que as crianças desta família fazem todos os dias para chegar à escola. Um percurso de cerca de meia hora de barco mais uma caminhada de cerca de duas horas a pé. Decide-se também que para melhor conhecer e estreitar os laços, os integrantes da expedição iriam dormir no Andirobal só retornando no dia seguinte a sua chegada.

Na quarta-feira dia 14 de abril, por volta das 14 horas encontram-se na escola São Domingos Sávio no lago do Itapecuru os monitores do “Mais Educação” Andresa Soares, Ivanilce dos Santos

e Bento Ribeiro e os professores Elizeu Pereira dos Santos, Santana Maria dos Santos Barbosa, Gilsa Aranha, Oziel Aranha, Maria Sônia Ferreira e Lucileia Maria Canto Bentes. Todos trazem de suas casas mantimentos para a ceia e iniciam sua ida de barco pelo igarapé no anonizal. O destino é a casa da Senhora Sandra, mãe dos alunos Ronaldo, Ronildo, Romeu, Roney, Amanda e Alessandra. Eles vivem no Andirobal com mais dois outros filhos menores Maria Marta e Reginaldo de 5 e 3 anos respectivamente. Depois de uma longa caminhada chegam ao destino no final do dia. Apresentações, redes armadas e a ceia sendo preparada. Cansados, dormem cedo.

No dia seguinte pela manhã, inicia-se um bate papo com a família presente e alguns alunos que acompanharam a expedição. Destacam-se na conversa os objetivos da visita e a importância desta atividade como piloto de muitas outras. Cada professor e monitor se apresentam, destacando suas funções na escola. O dia passa numa integração destes personagens e suas descobertas da realidade desses moradores distantes. Banho de rio e preparação das merendas integra este grupo alimentando a necessidade de que a escola e sua comunidade possam se relacionar de modo mais intenso e profícuo ao longo do ano.

No final de setembro e início de novembro de 2014, membros do Programa tiveram um segundo momento de experiências no Lago Itapecuru. Ainda sem uma continuidade dos exercícios realizados na visita anterior, descritos acima, realizamos três visitas à escola, nas quais, foram feitas uma breve dinâmica no intuito de conhecer um pouco os alunos do primeiro segmento. Colaboramos com os alunos do segundo segmento que estavam engajados no levante da horta comunitária da escola, que viria a contribuir na merenda escolar; e conversamos com os professores que estavam presentes. No Segundo dia veio até nós o Seu Domingos, que participou da atividade realizada na escola, e nos convidou para ir até sua casa. Na visita fez questão de cantar para nós algumas das ladainhas que canta durante a Encomendação das Almas. Disse ter gostado bastante de ter participado da atividade de abril, mas não se interessou em voltar à escola.

No outro dia a equipe se dirigiu até a casa de seu Dino. Morador antigo, figura respeitada por todos, Seu Dino, nos mostra na convivência, sua capacidade de passear por diversos papéis numa mesma relação, sua habilidade de ser avô e também amigo, pai e também irmão. Mais antigo morador da Fazendinha (uma das comunidades do lago que é atendida pela escola São Domingos Sávio) e mestre folião da festa do Aiué, Seu Dino nos contou muito sobre esta festa e manifestou interesse em produzir algum registro sobre ela. No ano de 2013 alguns alunos e monitores do “mais educação” haviam demonstrado interesse em desenvolver um trabalho na escola com o Seu Dino. Desde muito cedo Seu Dino se

envolveu na festa, devido a uma promessa de sua mãe e com o tempo tomou gosto pela coisa. Conta que desde então, vários aspectos da festa se modificaram e que se preocupa com a memória da festa, por isso seu desejo de registrar. Essa preocupação diz respeito também à falta de interesse espontâneo dos mais jovens.

Imersos na comunidade, em especial na Fazendinha, onde ficamos abrigados, pudemos perceber outras formas de relacionamento entre irmãos, amigos e vizinhos. Os pequenos pareciam aprender muito mais vendo os maiores exercendo alguma atividade, do que de forma hierárquica, na qual o outro se põe na posição de saber a ser transmitido. Muitas vezes se estabeleceram entre nós e os comunitários relações de ensino-aprendizagem, pois estávamos juntos conhecendo outras formas de existir, bem como de se relacionar com o outro e com o mundo. Isso acontecia muitas vezes, e várias dessas vezes com as crianças, e se dava de forma espontânea, sem a pretensão de um saber “melhor” ou “verdadeiro”, mas apenas troca de saberes que percebíamos diferentes. Essa diversidade e riqueza presente em todos os momentos de nossa estadia na comunidade, sejam nas relações interpessoais, na culinária, nas formas de estar e se organizar nos mostrou a importância da valorização da cultura local.

Observamos ser comum na fala dos mais velhos uma certa mágoa por não ver o interesse dos pequenos em aprender mais sobre suas tradições e celebrações religiosas. Todos participam ativamente, e gostam de festejar, mas poucos buscam a compreensão dos princípios e fundamentos deste importante ritual. Acabam participando durante os anos sem se apropriarem deste conhecimento. E essa mesma mágoa atravança o ímpeto do mestre folião buscar seus futuros “discípulos”.

O ano termina e percebemos um paralelo entre a relação ‘Mestre de cerimônia – Crianças da comunidade’ com a, anteriormente tratada, relação ‘Professores – Alunos que moram longe’. Iniciativas como as que propomos nos projetos de etnoeducação patrimonial podem apontar saídas para estas posições dicotômicas que produzem muitas vezes acusações e indiferenças entre os mais velhos e os mais jovens, professores e alunos. Celebrações como Encomendadores de Almas e a Folia do Aiué são caras à comunidade como um todo. Assim, como a aproximação dos professores da escola com a realidade dos alunos, produz-se atmosfera de cuidado maior entre ambas as partes, que mantendo suas diferenças e funções próprias passam a dialogar e se diferenciar, resguardando princípios e fundamentos de seus antepassados.

Rodrigo, Bento, Johnny, Marina e Luíza

PARTE II
*EXPERIÊNCIAS ENTRE
COMUNIDADES QUILOMBOLAS*



CAPÍTULO 1

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO FRANCISCO
COMUNIDADES SÃO JOAQUIM, CACHOEIRA DA PANCADA, ESPÍRITO SANTO, ARAÇÁ DE DENTRO,
ARAÇÁ DE FORA E SÃO JOÃO

A madeira na área Erepecuru

As comunidades atendidas pela Escola São Francisco são as últimas comunidades antes da Cachoeira da Pancada. Para se chegar até ela, é necessário passar por muitas outras comunidades quilombolas pelo rio Erepecuru, afluente esquerdo do rio Trombetas que banha a cidade de Oriximiná. A região reúne muitas comunidades quilombolas com terras demarcadas. Várias delas consistem em um conjunto de casas de madeira plantadas no meio da floresta amazônica, onde vive pouco mais do que o número de pessoas que forma uma família grande.

As comunidades se mantêm entre o auxílio da mata e o recurso à cidade. A natureza que a rodeia é linda. A história é viva e se constrói todos os dias, as tradições e as culturas estão se reinventando a todo momento. A terra, as árvores e os rios são a própria história da comunidade, o que comem, onde moram, o que praticam e acreditam. Quando o rio está cheio é bonito. Quando o rio está seco, ainda mais, porque aparecem várias praias, os currais de pedra e os lajeiros. Fica bom para tomar banho dentro das cachoeiras e pegar peixe. Sua gente é quilombola, descende de negros fugidos da condição de escravidão. A relação com o rio e com a floresta não é só de admiração: o rio dá o peixe, a floresta dá a madeira e os animais de caçada, a terra dá a mandioca e a banana. Espontaneamente, encontra-se tucumã, cupu, caju, castanha, açaí, bacaba, patauá, mari mari, manga, pupunha.

Em frente a uma das comunidades nota-se uma clareira na mata, que não para de crescer, evidenciando a presença de uma madeira no território quilombola. Aquele não é o único espaço que a madeira explora, ela devasta também outros pedaços da floresta. Lá já não há mais mata e bicho, lá há um morro careca cor de terra mexida e queimada pelo sol que se estende da margem do rio até o alto. Com a promessa de que a exploração da madeira beneficiaria a todos, há os que apoiam a presença da madeira, há os que se incomodam de

ver o patrimônio das comunidades sendo definitivamente levado, há os que preferem não saber, há os que já cansaram do assunto e preferem não mais se envolver.

Na cidade de Oriximiná, ocorreu em abril um encontro dos quilombos do rio Trombetas, um evento organizado pelas lideranças negras que aconteceu no barracão comunitário localizado na Praça Santo Antônio, bem no centro da cidade. O



objetivo do encontro foi produzir movimentos e discussões, para compartilhar demonstrações de resistência que surgem através, por exemplo, das danças e dos cantos singulares pertencentes a cada comunidade. A mobilização não é, portanto, específica de uma comunidade isolada, mas das comunidades quilombolas como um todo que se articulam enquanto um movimento unitário de luta pela terra.

Este encontro tinha como finalidade colocar a par dos imensos impactos que estão sendo gerados pela madeira e por outras empresas, impactos sociais, ambientais, culturais e financeiros. O tema das madeiras vai se fazendo presente diversas vezes no percurso dos comunitários e dos membros de equipe do Programa de Extensão Educação Patrimonial em Oriximiná que se deslocaram para a região. O tema surge em espaços distintos, em diversas comunidades, mostrando a importância dessa questão.

Não por acaso, na escola polo São Francisco, que atende às comunidades São Joaquim, Cachoeira da Pancada, Espírito Santo, Araçá de Dentro, Araçá de Fora e São João, emergiu a proposta de se trabalhar com o tema das madeiras. O tema foi escolhido no encontro com professores, alunos, barqueiros e merendeiros, entendendo-se que esse assunto é comum entre os que ali convivem. Os estudantes do 6º ao 9º ano não ignoram que há um corpo estranho

presente na mata, embora não saibam bem como se posicionar diante dele. O tema seria trabalhado com a visita aos espaços em que a madeira se instala, com a conversa com os mais velhos a respeito dos tipos de madeira e o seu manejo, podendo ser inserido no ensino da matemática, das espécies biológicas, dos desenhos, bem como em todos os outros componentes curriculares, apontando seu caráter multidisciplinar.

Enquanto isso, a comunidade de São Joaquim, uma das comunidades atendidas pela Escola São Francisco, preparava um festival junino e precisava catar madeira para construir uma nova cozinha comunitária e um bar. Era

necessário então entrar floresta a dentro para buscar madeira. Um membro da equipe do Rio de Janeiro foi convidado pelos homens da comunidade. O caminho compunha-se de um trajeto pelo rio e uma caminhada pela mata. Escolhida estrategicamente longe de outra árvore já derrubada para garantir a sobrevivência e o manejo da floresta, deixou-se que uma moto-serra fizesse parte do trabalho. Derrubada uma árvore do tipo Fava-Vick, o trabalho dos homens consistia em limpar a área ao redor, girar a tora para a posição mais adequada, cortar em toras menores, cortar em tábuas, carregar até as canoas e o barco e depois levar até o local de construção da cozinha. Um processo cheio de saberes constituídos a partir de um modo de vida específico. Isto mostra que o extravio de madeira pela comunidade é diferente do modo como a madeira explora a terra e a devasta. Quando a comunidade retira madeira, não desperdiça nem causa destruição, não contamina o solo e as águas.

Em um movimento circular, paralelamente à preservação da história existe a criação dela, que conta com a participação das crianças e dos mais novos. Toda a comunidade se encontra envolvida no compartilhamento das experiências. Todos ajudam capinando o terreno ao som do carimbó. As mulheres ocupam a cozinha na limpeza do peixe para o jantar e os homens voltam da mata com a madeira para as novas construções. Os saberes locais são vivenciados e transmitidos na troca e na prática. A comunidade de aprendizado existe aí, percebe-se a educação para além do espaço escolar, onde a institucionalização muitas vezes atrapalha o processo de crescimento individual e coletivo. Trabalhar com uma proposta que esteja aberta aos múltiplos atravessamentos do que entendemos por educação, que problematiza as atuais formas de transmissão do conhecimento e as próprias relações do ambiente escolar com as comunidades, exige uma sensibilidade que passa pelo plano da experiência, construída no encontro e na troca.

Com a segunda visita da equipe do programa, em outubro, muito bem recepcionada pelo grupo de professores da educação infantil, do ensino fundamental e pelos integrantes do Programa Mais Educação, chegou-se à conclusão que manteríamos a proposta de pesquisa de campo na madeireira. O foco do trabalho foi direcionado por perguntas e várias delas foram elaboradas pelos alunos: Quais tipos de madeira existem na região? Para que serve cada tipo de madeira? Como essas madeiras são utilizadas pelos habitantes da região? Quais tipos de madeira são extraídos pela madeireira? Para onde vão essas madeiras? Como fazer para cortar as árvores sem destruir o resto da mata? Acontecerá o reflorestamento depois?

Antes da visita, abriu-se uma roda de conversa com os adultos que já haviam trabalhado na madeireira e podiam contar um pouco da sua experiência e do funcionamento da empresa. A atividade aconteceu do lado de fora da sala de aula, embaixo de



duas árvores que possibilitavam uma sombra agradável. Embora alguns alunos tenham demorado para se envolver na atividade, a conversa acabou despertando curiosidade. Foi marcada, então, a visita à madeireira para a segunda-feira, quando todos os professores já estariam na escola. Os barcos responsáveis pelo transporte escolar levariam os alunos, a partir das suas respectivas comunidades, sendo lá mesmo o ponto de encontro. Algumas das perguntas elaboradas foram colocadas em cartazes.

No dia da visita, um dos técnicos já esperava pelo grupo de professores, alunos e barqueiros. Foi a oportunidade para conhecer parte do trajeto percorrido pelos caminhões, que trazem a madeira já cortada do interior da floresta. Procurou-se explicar todo o processo desde o mapeamento das árvores com madeira de qualidade e a colocação das placas, até o transporte das mesmas até as grandes cidades. No percurso, alguns alunos se interessaram em saber quais eram as madeiras com as quais se deparavam, para que servissem, como saíam da madeireira e para onde iam. Não são poucas as madeiras encontradas: Pequiá, Maçaranduba, Jatobá, Angelim-Pedra, Angelim-Ferro, Ipê e Cupiúba. Os alunos aprenderam ainda como é feita a cubação (medição) da madeira.

Após a visita à madeireira, surgiu a ideia de convidar os pais dos alunos para participar de uma reunião em conjunto com os professores. Esta tem sido uma preocupação constante das comunidades atendidas pela Escola São Francisco do Araçá: é preciso aproximar a escola das comunidades, é preciso realizar atividades para aproximar as diversas comunidades da escola e do desenvolvimento dos projetos em etnoeducação. A reunião permitiu esclarecer uma série de coisas que dizem respeito ao modo como os pais e os professores lidam com a relação entre a comunidade e a escola. Muitos pais não têm qualquer relação com a escola. Muitos ainda consideram que a forma correta de passar conhecimento é através da sala de aula, o que muito dificulta as saídas a pesquisas de campo. Os professores sentem a necessidade de conscientizar os pais que a educação não acontece só dentro de quatro paredes, em sala de aula.

Como efeito da visita à madeireira, alguns professores incluíram o tema no plano de ensino. Mesmo os que não tinham ido à pesquisa de campo, instruídos pelos outros professores, puderam trazer o tema para a sala de aula no quarto e último bimestre do ano. Várias atividades foram propostas. Nas aulas de artes, os alunos tiveram que desenhar e fazer uma exposição dos desenhos, explicaram também como é o caminho da madeira. Em outras aulas, os alunos realizaram atividades que envolviam perguntas e respostas sobre a madeireira e a construção de uma maquete. Houve ainda a proposta de implementação dos conhecimentos de campo nos conteúdos das aulas de matemática, podendo-se

utilizar as formas de medição da madeira para se falar sobre as medidas matemáticas.

Em dezembro, realizamos uma reunião final de avaliação e preparação do próximo ano, com a presença de professores e alunos de diversas comunidades. Com relação à experiência na Escola São Francisco do Araçá, pensou-se que seria interessante investir na recuperação dos três últimos temas trabalhados com a proposta da etnoeducação, a fim de que as experiências não fossem esquecidas, que fossem mais exploradas e envolvessem todas as comunidades, para incluir os pais dos alunos que frequentam a escola e os demais comunitários. A memória da lenda da cobra grande do barracão de pedra, o conhecimento da história dos castanheiros e a partilha da experiência de visita à madeireira, com as reflexões sobre a sua presença, as madeiras e a mata, seriam fundamentais para constituição de uma etnoeducação mais envolvente e difusa. Outra preocupação muito forte é a valorização da cultura e da tradição quilombola, o que poderia ser facilitado se houvesse um intercâmbio cada vez mais frequente entre as comunidades.

Professores da escola São Francisco do Araçá:

Ana Luiza Silva dos Santos

Anglamara Souza Almeida

Claudenei de Souza dos Anjos

Dessivaldo Souza Cativo

Leuziane Oliveira

Lourivaldo Souza Almeida

M^a de Jesus Pinto Seixas

Zulaide Freitas de Souza

Cezarina

Monitores do programa Mais Educação:

Angela Oliveira de Melo

Edinaldo Silva de Souza

Ilson Dias

Equipe do Programa Educação Patrimonial em Oriximiná:

Paloma

Mariah

Damaris

Daniel



CAPÍTULO 2

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOSSA SENHORA APARECIDA COMUNIDADES BOA VISTA CUMINÃ

Boa Vista – Cuminã e o retorno da Festa da Ramada

No encontro de encerramento das atividades do Programa Educação Patrimonial em Oriximiná/PA no ano de 2014, os professores da UFF juntamente com professores e membros das comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas de Oriximiná envolvidos com o Programa reuniram-se para a construção coletiva das narrativas das experiências vividas nesse ano de trabalho. Combinou-se de destacar os pontos principais que não poderiam ficar de fora desse relato, e assim da edição desse volume dos Cadernos.

No grupo da comunidade de Boa Vista Cuminã, o principal registro que queriam ver escrito aqui diz da realização, nesse ano de 2014, da Festa da Ramada. Na região dos rios Erepecuru e Cuminã no município de Oriximiná, Pará, os negros afrodescendentes realizavam festas religiosas e culturais das imagens de Santa Ana, São Benedito, Santa Luzia, São Tomé e São Lázaro. A Festa da Ramada é uma das festas mais significativas dessa comunidade, que ocorria todos os anos e que, no entanto, ficou por cerca de 20 anos sem ser realizada. Por meio dos trabalhos realizados em 2013 com o projeto de Etnoeducação, inicialmente no contexto da Escola Nossa Senhora da Aparecida localizada na margem esquerda do Rio Cuminã, os professores, alunos, pais e a comunidade manifestaram o interesse de reproduzir, no que fosse possível, a Festa da Ramada como era feita antes, numa forma não só de fazer reviver o festejo como também de integrar a comunidade e a escola. Foram realizadas atividades na escola com o tema da festa. Os alunos não conheciam quase nada da festa, e foram buscar e entrevistar membros da comunidade que pudessem contribuir com eles para conhecer o que é e como se realiza a Festa da Ramada. Como estratégia de envolvimento de pais e da comunidade na realização da festa, contou-se com a ajuda dos barqueiros que ficaram com a tarefa de sensibilizá-los. A estratégia foi bem efetiva e houve uma grande adesão da comunidade.

Em abril de 2014 a festa se realizou!

A festa causou muita admiração e espanto!

De acordo com duas formadoras da comunidade, viventes e herdeiras diretas das tradições quilombolas dessa região, a realização da festa causou “muita admiração e espanto”! Tendo inicialmente como proposta uma reprodução em menor proporção do que era realizado por seus antepassados, e acreditando que a festa iria ser bastante local, foram surpreendidos por um evento que se tornou grande. A festa envolveu a participação da escola, da comunidade, de comunidades vizinhas quilombolas e não quilombolas. Prestigiaram a festa membros das comunidades do Jauari (que trouxeram a Folia do Aiué de São Benedito), Iripixi, Nova Betel (Bec), Xiriri, Salgado, Castanho, Serrinha, Varjão, Arancua, Ariúba, Campo Alegre, Capintuba, Santa Rita, Monte dos Oliveira, Espírito Santo, São Joaquim, Pancada, Varre Vento,

Jaraucá, Último Quilombo, Abuí, Tapagem, Paraná do Abuí, e comunidades da zona urbana.

Mesmo tendo sido feita em proporções menores que a festa tradicional, a Festa da Ramada contou com muitos aspectos típicos da tradição: esmolação (visitas nas casas dos comunitários para angariar donativos e alimentos para a festa), construção da Ramada (barracão de palha de chão batido para acolher os participantes que vem de outras comunidades, construído através do puxirum) e preparação do ambiente, alvorada festiva com fogos que serviram como convite para a festa, ladainha no rio, Folia do Aiué, festa do mastro (busca do mastro na floresta que retiraram de madeira Envira, ornamentação com folhas e frutas, bandeira, levantamento do mastro acompanhado por folia e ladainhas cantadas, presença de juíza do mastro, derrubada do mastro pelos mordomos que tem N. Sra. Aparecida como protetora, levada do mastro para dentro da ramada e distribuição





das frutas dando prioridade para as crianças das comunidades visitantes), entrega da imagem de Nossa Senhora Aparecida para a juíza do santo do Aiué (que nesse ano foi São Benedito, ao invés do Espírito Santo), presença de Mestre Sala (responsável por dar a ênfase da festa antes de sua realização), danças (valsa, disfeiteira, lundum, bolero ou dança marcada, carimbó), verso de disfeita (desafio), instrumentos de pau e corda (não todos os instrumentos ainda, faltando o violino e o banjo), vestuário com mulheres usando saias rodadas e os homens calças brancas, ornamentação natural com palha e pilão, iluminação do barracão com lamparinas, chão batido, alimentação natural (beiju peteca, caicuma, manicuera, cacaarana ou cacau da floresta, tucumã, taperebá, mingau de banana grande, chocolate de castanha de caju), chás (mangaratiba ou gengibre, erva-doce da mata, capim cheiroso, erva cidreira), noite cultural feita pelos jovens (momento de celebração da festa com a apresentação das danças, e do Canto dos Quilombos da Comunidade do Jauari) alimentação compartilhada pela comunidade e sem ônus com grande participação dos jovens que se responsabilizaram por fazer as comidas que alimentaram as pessoas envolvidas na preparação da festa.

A festa causou também muita emoção, como se relatou: “teve gente que até chorou”!

A realização da festa incentivou o surgimento de um novo tema de investigação na escola e na comunidade: a história e a trajetória dos quilombos.

A Festa da Ramada despertou no alunado, na comunidade e mesmo em outras comunidades um grande interesse em dar continuidade à sua realização. A realização da festa já descolou da escola e pertence à comunidade. Despertou também a importância do programa de Educação Patrimonial, importância em continuar com as ações, em serem inseridos nas atividades de etnoeducação, sentiram que essas ações são muito significativas. De acordo com as narrativas “aconteceu que com o projeto fizemos a Festa da Ramada, com o projeto tivemos a felicidade de envolver alunos e comunidade na realização da festa. Percebemos que a realização da festa incentivou o surgimento de um novo tema de investigação na escola e na comunidade: a história e a trajetória dos quilombos, isso porque a Festa da Ramada faz parte dessa história e dessa trajetória”. E ainda: “a festa provocou uma mudança na rotina da escola, e quando se vai realizar alguma atividade vinculada ao programa de etnoeducação ninguém falta, os alunos ficam muito entusiasmados, interessados, principalmente os menores de 8, 10 anos. Nas aulas de arte os alunos desenham o que viram acontecer na festa, e eles cantam até hoje as músicas ensinadas

na festa”. Quanto àqueles que foram entrevistados para a festa foi narrado que “houve valorização de tudo o que a gente conhece!”.

Em relação ao desdobramento do tema escolhido, “a história e a trajetória dos quilombos”, já vêm sendo realizadas atividades na escola: equipes foram constituídas para contar, registrar e encenar aspectos importantes do tema, convocar a participação de pessoas da comunidade para ajudar a contar

permanecer, em especial, a cultura do “alimentar comunitário” (com doações) e a valorizando as diferentes comunidades. Para uma das professoras que vive na comunidade “não é questão de resgatar a cultura só, mas de continuar fortalecendo o que existia”. Esperam também trabalhar o contexto histórico dos quilombos com os alunos, além de trabalhar com produção de imagens e filmes.



a história, e trazer pessoas que saibam fazer artesanato para trabalhar com os alunos e ensiná-los (atividades que os mais velhos sabem fazer para transmitir nas salas de aula como atividade de arte). Estão programando ainda fazer um dia inteiro na escola com atividades envolvendo o tema, oficinas de memória de práticas e saberes locais, e realizar uma feira de exposição do que produzirem. Houve uma mudança na estratégia de sensibilização das atividades para o próximo tema: as atividades com pais, alunos e comunidade na escola estão realizadas de forma integrada e não mais separada.

Buscam para 2015, no contexto das atividades com o programa de Etnoeducação, dar continuidade à Festa da Ramada e realizando-a em abril com mais detalhes, fazendo

Destaca-se como efeito do processo de etnoeducação nessa comunidade escolar, com a escolha dos temas da “Festa da Ramada” e “A história e a trajetória dos quilombos”, uma mudança no Projeto Político Pedagógico desta escola, de modo a incluir o tema da identidade afrodescendente nos conteúdos e práticas escolares.

Irene, Dilena, João Felipe, Monica



CAPÍTULO 3

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO FRANCISCO DE CANINDÉ COMUNIDADE DO LAGO JARAUACÁ

Em maio de 2014, as ações do Programa de Educação Patrimonial direcionadas à comunidade do Lago do Jarauacá, foram motivadas pela retomada do contato com o projeto “Minha Comunidade um Pouco de Mim”, que já estava entrando no segundo ano de existência.

No que diz respeito ao funcionamento da escola, perceberam-se algumas transformações relevantes em relação à incorporação dos saberes locais no espaço escolar. O projeto “Minha Comunidade um Pouco de Mim”, que inicialmente tinha se dado a partir da turma de sétimo ano (2013), passava a ser pensado para todo o contexto do segundo segmento do ensino fundamental.

O envolvimento da comunidade no cotidiano escolar parecia ser um tanto mais intenso. Nesse contexto, havia um número maior de professores/ moradores que se interessavam em conversar e articular com a equipe de etnoeducação. É possível cogitar que isso tenha sido fruto de um processo coletivo de entendimento das demandas comunitárias em relação à importância de sua própria história e a incorporação da mesma ao cotidiano escolar. Numa conversa com as mulheres mais antigas da comunidade, é possível perceber a adesão da comunidade e a importância do projeto:

“[...] eu acho que pra mim é bom né. Que, pelo menos, eles tão conhecendo as histórias do passado, que tem umas crianças que não conhecem. Aí agora, com o desenvolvimento desse projeto, eles estão pesquisando com as pessoas adultas, aí eles estão conhecendo[...] É muito interessante quando eles fazem uma pesquisa e ai eles ficam contando essas histórias, eles estão se aproximando, eles estão conhecendo o que era no passado. Eu acho que é um trabalho que está ajudando muito. Eles mesmos estão resgatando a própria história da comunidade deles, que eles não conheciam.... Que nem todos os pais tem aquele diálogo com os filhos, de tá passando, assim, as histórias. Porque, no passado, os antigos reuniam para contar histórias, ensinavam muitas coisas para os filhos e hoje não, já é diferente um pouquinho [...] os antigos ensinavam, eles gostavam muito de ensinar os filhos e, agora não [...]

eu tenho os meus filhos, mas, às vezes, eu não tenho tempo pra tirar para repassar um pouco do que a gente tá conversando, contando história. ”

[Sílvia, Merendeira da Escola / Comunitária]

Os relatos a seguir foram transcritos de conversas entre os professores do Jarauacá, Ildilene e Josivaldo, junto com a equipe de etnoeducação e outros professores/moradores da comunidade. Esses professores contribuíram com a idealização e a implementação do projeto na escola, e, juntamente com outros professores, participam no presente do projeto:

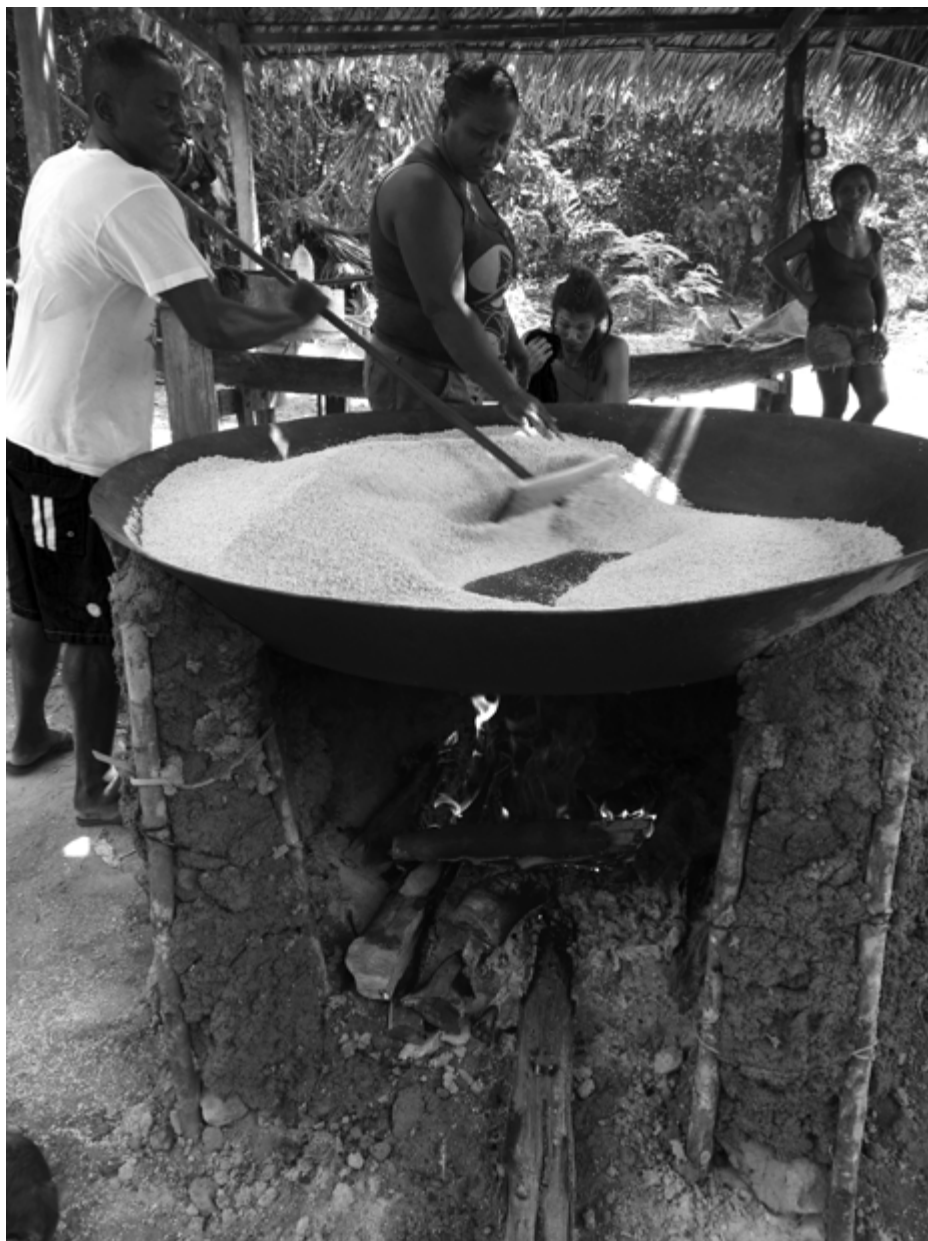
“[...] nós procuramos trabalhar neste projeto justamente pra gente conhecer a nossa própria realidade, até porque nós conhecemos histórias de fora e não conhecemos a nossa própria história. Por exemplo, conhecemos o Estados Unidos, conhecemos a Rússia lá nos livros didáticos de história e nós não conhecemos, por exemplo, a Comunidade do Jarauacá. Por que

Jarauacá? Como foi fundada? Quem foram os fundadores? Por que que nós existimos hoje? Porque que nós somos quilombolas. Então, é a nossa cultura, o que que nossos pais brincavam por exemplo que hoje nós não valorizamos mais? De que forma? Como era que eles viviam? O trabalho... qual era a renda lá no início da fundação da comunidade? ” [Ildilene, Professora/Moradora]

“[...] A gente tem uma linha de pensamento. Na comunidade, nós iniciamos o trabalho em 2006, a trabalhar como professor, e sentimos a dificuldade pelo fato da pouca escolarização do pessoal da comunidade. A maioria dos professores sempre iam da cidade para trabalhar na comunidade, e acabava criando [...] um certo conflito cultural, poderia dizer assim... Que as pessoas iam pra lá e começavam a dizer por exemplo: que era besteira do boto... e quando a gente chegou lá na escola, a gente começou a divergir com o pessoal que ia da cidade para lá. Porque o pessoal

ia, não sabia, não tinha domínio da cultura local e acabava desfazendo das coisas de lá. Acabava dizendo que não era importante, que o importante era estudar para ser um médico, ser outras coisas. Como se para ser um médico tivesse que deixar tudo de lado. Eu não preciso deixar a minha cultura para eu estudar e ser médico. A gente ficou um pouco revoltado com a situação que a gente presenciava na escola. A gente começou a tentar... surgiu uma política de que a comunidade se mobilizou juntamente com a SEMED, com a prefeitura, e começaram a abrir espaço na escola para pessoas da comunidade trabalhar na escola pra dar aula. A gente conseguiu e alguns colegas já estão lá. ”
[Josivaldo, diretor da escola].

No decorrer da realização do trabalho idealizado no trecho da conversa anterior, a partir do acompanhamento das entrevistas com os mais velhos da comunidade, foi possível suscitar o interesse dos alunos para os saberes/fazeres locais que já estavam sendo esquecidos pelos



mais novos, fortalecendo a importância da cultura local no ambiente escolar e comunitário:

“[...] A gente começou a perceber que tinham muitos alunos que não estavam mais dominando as técnicas, as práticas da comunidade, sabiam muito mais coisas de São Paulo do que da própria comunidade, isso começou a preocupar a gente lá. E nós começamos a pensar numa forma de tentar mudar esse quadro, aí nós pensamos no projeto “Minha Comunidade um Pouco de Mim”, foi nós que escrevemos. A proposta era que nós pudéssemos coletar o material, produzir o livro e o documentário, aí nós conseguimos pesquisar, [...] Ai nós pesquisamos, e estamos na fase de tentar agora editar os vídeos.

Então, uma das opções de trabalho seria essa e a sugestão desse ano seria trabalhar mais com as parteiras, com as benzedadeiras. A gente quer trabalhar diretamente com eles, com esse pessoal aí, até porque com as parteiras, tem uma questão social do governo, né. Uma política de governo que a mulher tem que ir fazer o pré-natal e acaba deixando um pouco de lado a importância da parteira. A gente tava conversando, fazendo uma estatística, assim, nesses, digamos 40 anos da comunidade, a taxa de mortalidade infantil foi quase zero. Se morria, a cada 10 anos, 1 ou 2 crianças com as parteiras era muita coisa. Aí chega uma política de governo de que a gente tem que ir para a cidade, que a parteira não vai dar mais conta. Mas elas continuam lá, continuam puxando barriga,

continuam ajeitando a cabeça dos curumins. Então a gente quer trazer um pouco do trabalho delas e também dos remédios, lá muita gente sabe vários tipos de remédios...”[Josivaldo, diretor da escola.]

Também a partir do projeto “Minha Comunidade um Pouco de Mim”, está sendo possível superar a carência de materiais didáticos para trabalhar na escola questões intrínsecas à comunidade:

“[...] agora há pouco tempo, surgiu a ideia do projeto, e uma das preocupações, das questões que o pessoal alegava era que a gente não tem como trabalhar a questão afro-brasileira na escola porque não tem o livro, não tem o material, não tem nada concreto. Então a gente começou a bater de frente que não! Nós estamos na comunidade, e os livros vão ser os mais velhos! [...] o pessoal que está aí vai ser nosso laboratório, já que nós não temos, vamos produzir, que também a escola não pode ficar só recebendo o material, em que produzir alguma coisa, nossa mesma.” [Josivaldo, diretor da escola]

Na maioria das conversas com a equipe de etnoeducação, os professores Josivaldo e Ildilene trouxeram a importância que os elementos da oralidade têm na construção dos processos pedagógicos do projeto “Minha Comunidade, um Pouco de Mim”. Na disciplina de história, os elementos da oralidade fazem uma aproximação desta com a realidade vivida:





“Esse ano eu comecei trabalhando a minha disciplina de história com todas as turmas, eu procurei trabalhar a história oral, porque a história oral? Porque eu vou conhecendo a história dos meus alunos e os meus alunos conhecendo um pouco da minha história. Em cada turma eu fui e contei a minha história, onde eu nasci, que eu nasci lá no Jarauacá, dentro de uma casa de palha, a minha vó foi a parteira, fez o parto da minha mãe. E aí, depois, eles começaram a se sentir à vontade, cada um começa a contar a sua história. A partir daí a gente pretende continuar, agora no segundo bimestre, trabalhando a história da nossa comunidade, ou seja, vamos trabalhar em forma de pesquisa, conversando com os pais, com os avós, com os tios. Se possível, acompanhar um pouco do trabalho na roça. Na pesca.... Então, esse é o objetivo. O objetivo maior do nosso trabalho é que os nossos próprios alunos possam conhecer a si mesma. Tá, a gente sabe que tem que conhecer a realidade de fora porque nem sempre todo mundo fica na comunidade, precisa sair para estudar, para conviver com outras pessoas, mas é muito bom, primeiro, conhecer a nossa própria história.” [Ildilene, Professora/Moradora]

O Programa de Educação Patrimonial em Oriximiná/PA tem buscado espaços circulares de produção de conhecimento. Nesse sentido, a construção de um comum, entre comunidade e a equipe do programa são baseados nas trocas de experiências. Constituiu-se uma equipe de etnoeducação que se constrói na correlação entre os princípios e práticas do programa e os saberes-fazeres da comunidade. A circularidade pressupõe, portanto, a relação desses diversos saberes na construção de processos de ensino-aprendizagem, em que são

acumuladas experiências de produção coletiva de conhecimento. As aulas se incorporam a elementos de pesquisas de campo, feitas pelos estudantes da comunidade. No atual momento, já existem diversos arquivos de registro em imagens, audiovisual e gravações de áudio. Essas conversas compõem um acervo que servirá de base para montagem de materiais didáticos próprios da comunidade.

Participam deste processo os profissionais da escola, os demais moradores da comunidade e a equipe de etnoeducação, sem hierarquias e posições que façam emergir o possível exercício da autoridade.

Operando deste modo, vê-se escola, comunidade e universidade na busca de se tornarem como um (com-um), numa perspectiva que não cria dicotomias ou oposições entre saberes acadêmicos e saberes/fazeres tradicionais. Foge-se, portanto, das polarizações entre escola/universidade e comunidade, assim como entre os ambientes formais de aprendizagem e os não-formais.

Conjunto de atividades realizadas entre os dias 8 e 15 de outubro de 2014. Em parceria da Comunidade Quilombola do Lago do Jarauacá, a equipe da escola São Francisco de Canindé com o Projeto Minha comunidade Um Pouco de Mim e a equipe do Programa de Educação Patrimonial em Oriximiná/PA.

Conversa no Puxirum com estudantes do 8o ano da Escola São Francisco de Canindé e moradores Francisco (Chicolão), Renan (Índio), Seu Jair, Seu Manduca, Reinaldo (Tula), Dona Maria Lenizia (Roxa). **Conversa com as turmas de 8º e 9º ano e as merendeiras** Hosana, Sílvia e Juraci. **Conversa no Puxirum de feitura de farinha com** equipe de etnoeducação da UFF e comunitários Rudnei, Marison, Rosangela, Suane, Reinaldo (Tula), Maria Lenizia (Roxa). **Conversa com** turmas de 7º e 8ºanos e **barqueiras e barqueiros** Leni, Ana Cleide, Domingos, Sérgio e Sebastião (Sandriel e Marlene estavam ausentes da atividade, mas também compõem a equipe que trabalha no transporte de estudantes). **Conversa com equipe de etnoeducação e algumas mulheres antigas da comunidade:** Raimunda, Nalzira, Rita, Conceição, Maria Lenizia (Roxa), Edna (Biata), Sílvia, Joana.

PARTE III
*EXPERIÊNCIAS ENTRE
COMUNIDADES INDÍGENAS*



CAPÍTULO 1

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL INDÍGENA SANTIDADE ALDEIA SANTIDADE

Ensinando e aprendendo: quando a escola e a comunidade trocam saberes

Texto coletivo organizado por: Adriana Russi, Marcela Endreffy, Sonia Maciel (membros da equipe da UFF). Iranildo Manassa Wai Wai, Mauro Makaho, Nacleia Souza (Docentes da escola da aldeia Santidade)

Introdução

Os Katxuyana da aldeia Santidade participam do Programa da UFF há 5 anos e, desde então, se envolvem ativamente nos projetos de etnoeducação em sua escola. Depois de encerrado mais um ano de trabalho na escola fizemos uma avaliação coletiva. Identificamos alguns aspectos relevantes que foram promovidos em função do projeto. Percebemos que através do projeto também os professores aprendem. Notamos uma grande integração entre a comunidade e a escola. O projeto de etnoeducação valoriza o conhecimento dos anciãos que, com entusiasmo, o compartilham com os jovens da escola. Outro ponto relevante se refere à importância do aprendizado de aspectos da realidade da comunidade. Assim, se reconhece que ambos conhecimentos são importantes, tanto os saberes tradicionais quanto os chamados conhecimentos dos “brancos”. Outro ponto a ressaltar é o fato de que o projeto enfatiza e valoriza a memória e a tradição do povo Katxuyana que desde o final dos anos de 1990 voltou a ocupar seu território às margens do rio Cachorro.

Minha canoa está em primeiro lugar, meu sonho é saber fazer

Somos Katxuyana do Rio Cachorro

A primeira experiência de etnoeducação nós já tivemos pois nós construímos uma casa tradicional (tamiriki) aprendendo os saberes de nossos ancestrais. Nós adoramos estudar com nossos pais e com nossas mães. Os mais velhos nos mostram o que é importante, eles querem muito multiplicar o que aprenderam com nossos bisavós no passado e, no presente, é nossa vez de aprender com eles.

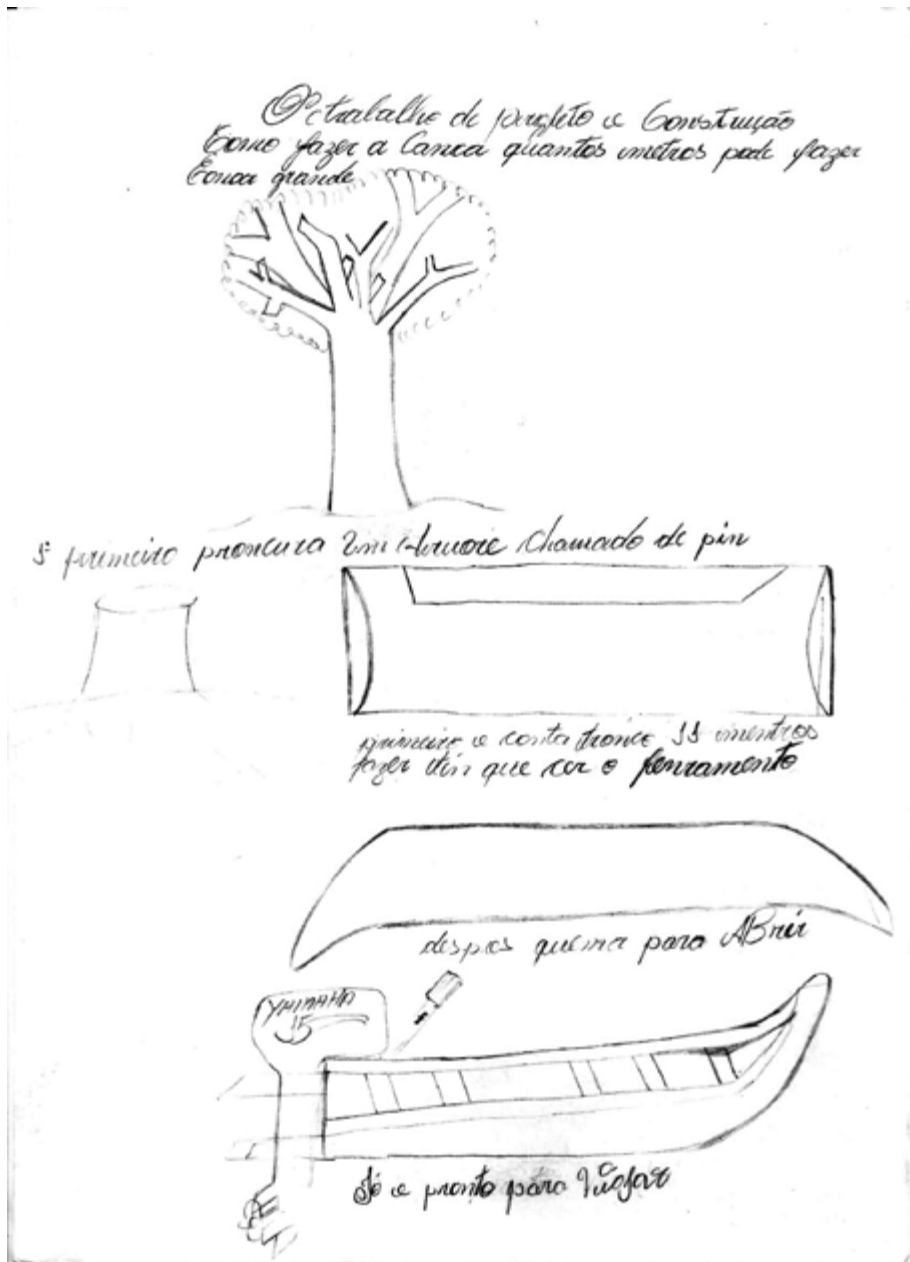
Nossos pais que nos ensinaram querem nos formar. O que não sabíamos ontem, hoje nós estamos sabendo. Assim, queremos aprender saber fazer a canoa, para que possamos ter noção e ensinar nossos filhos futuramente. Nós vamos aprender tudo aquilo que serviría para nossa nova geração.

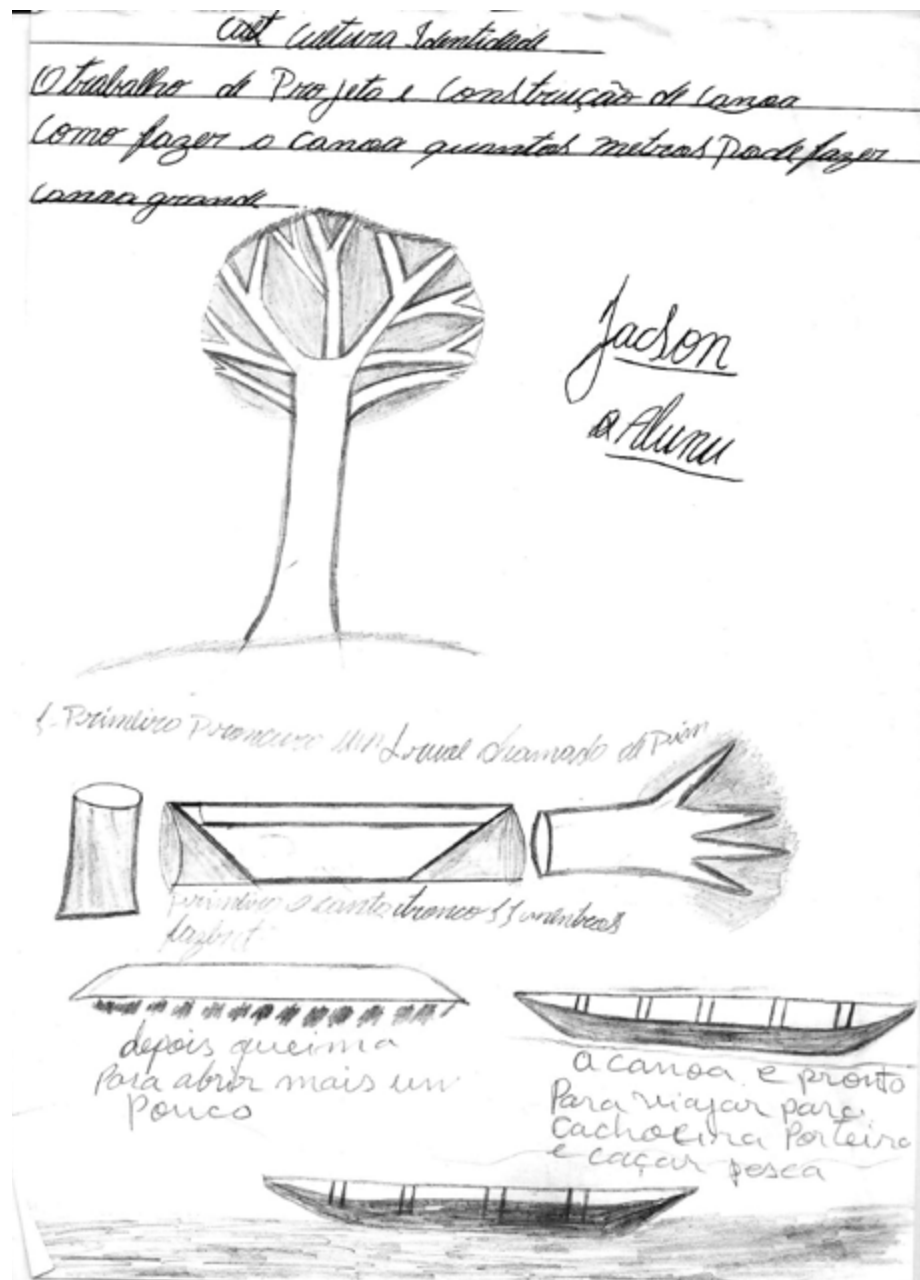
Ow Kanawari nasi Ihitormanĩ, Ow wosonetohu yonwo titohu e'tohu.

Amna na.sĩ Katxuyana Katxuru Kuwawono

Ihitorme amna Wosomukatpĩri, amna kinine kuwama tuwinari amna wosomukatohu yonemespotohu. Amna yahe na.sĩ amna wosomukatohu tum'u yakoro na tisanĩ yakoro hananno, Tamitxami hananno txenemesporoko amna wiya timohenaton yitohu, tosomukatpĩrkumu tipapankumu yakoro nahra soro amna kaha osomukane akorone.

Amna papantomu nasi amna yiritxe tinisomme, amna yonwotaki etxitpĩri kokonyari, soro amna yonwo kaha. Iro wara ne.ro me.nĩ amna nosomukane kanawa yitohoko, ihanahkehara kaha amna we'tome iro yito'hoko, miretomu yomukatome anayatawi, amna me.nĩ nosomukane tarahkoro titohoko iro me.nĩ miretomu yahoineme neyasi anayatawi.





Um pouco da trajetória dos projetos na escola da aldeia Santidade em 2014

Em maio, logo após a oficina na UFF/ Oriximiná nos organizamos para ir até a aldeia Santidade. Formávamos um grupo constituído por uma professora da UFF, a profa. Adriana Russi e dois professores que trabalham na aldeia, os Profs. Iranildo Manassa Wai e Nacleia Souza. Passados alguns contratempos, chegamos na aldeia no início de maio.

A aldeia, que atualmente tem cerca de 80 pessoas, vivia um momento importante. Todos estavam envolvidos na preparação de uma assembleia a realizar-se no final daquele mês. Tratava-se de um encontro com lideranças de aldeias vizinhas (Katxuyana, Tunayana e Kahiayana) e com representantes de instituições como

a FUNAI e a Secretaria de Meio Ambiente do Pará. Iriam abordar a questão da demora na liberação da demarcação de suas terras. Este foi um episódio relevante que ocupou dias e dias de trabalho de todos os moradores da aldeia Santidade. Apesar disso, o projeto de etnoeducação também teve espaço na agenda da escola e da comunidade. Na noite do dia 03 de maio nos reunimos na tamiriki para que pudessemos explicar a ideia do projeto a realizar-se com alunos do segundo segmento do ensino fundamental.

Na manhã do dia seguinte fomos para a escola (que funciona, em alguns momentos, na própria tamiriki e em outros, no prédio da igreja) e retomamos os temas dos projetos em etnoeducação realizados em anos anteriores. Lembramo-nos do trabalho que os rapazes fizeram sobre caça e pesca e do trabalho das moças sobre

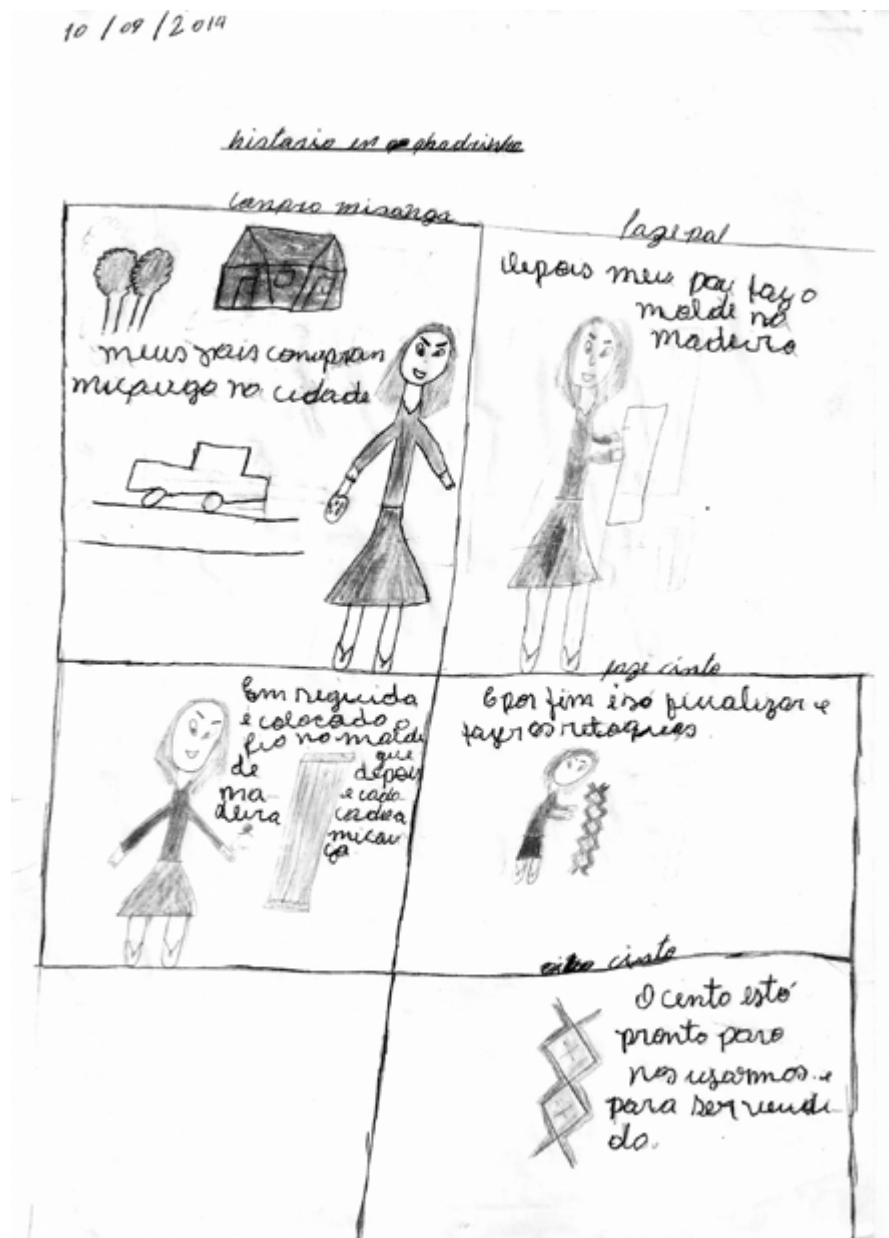
pintura corporal. Todos também se recordaram do projeto sobre artesanato. Juntos, lembramos sobre os procedimentos dos projetos, ou seja, cada um dos passos que demos para o seu desenvolvimento a partir da escolha coletiva dos temas.

Dessa forma, ficou como dever de casa que cada um pensasse, para o dia seguinte, sugestões de temas para o projeto de 2014. Saímos da escola e cada um foi se dedicar aos seus afazeres cotidianos: pescar, caçar, lavar roupa, ir para a roça, coletar madeira etc. Na manhã do dia seguinte pudemos ouvir atentamente a ideia de todos. Cada um apresentou oralmente sua sugestão de tema e argumentou, justificando a importância do mesmo. Depois de uma rodada de apresentações passamos para um momento de escolha. Novamente, como em anos anteriores, houve uma decisão por gênero. Os rapazes decidiram escolher o tema “canoa”, defendido por Calixto e as moças decidiram permanecer com o projeto sob o tema “artesanato”.

Para cada tema escolhido organizamos no quadro o passo a passo, quem eles poderiam entrevistar e quais as técnicas de coleta de informações bem como seus registros através da escrita, fotos e vídeos.

Retornamos da aldeia com a certeza de que os trabalhos teriam continuidade durante o ano letivo.

Os professores responsáveis pelas turmas do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) deram continuidade às conversas sobre como proceder com o projeto. Em um primeiro momento, os homens foram até a mata escolher a árvore mais propícia para construir uma canoa grande. Árvore escolhida, foi realizada a derrubada da mesma. No mês de junho, a equipe responsável pela construção da canoa, fez uma segunda expedição, da qual participaram o Sr. João do



Vale, o Prof. Iranildo Manassa Wai Wai, a prof. Nacleia Souza, alguns rapazes que estavam disponíveis e algumas crianças. Foram cerca de 1h30min de caminhada, passando por lugares de difícil acesso até chegar ao local onde a árvore já estava pronta para ser trabalhada.

No local, o Sr. João do Vale começou a explicar todo o processo de construção de uma canoa Katxuyana. Existe, segundo ele, uma diferença na modelagem da canoa Katxuyana em relação às outras canoas como a dos Wai Wai. Os jovens ficaram atentos à fala, bastante interessados. A atividade durou cerca de 1 hora. Depois todos retornaram à aldeia. Em meio a tantos afazeres cotidianos, o Sr. João do Vale incluía sempre uma ida à mata para modelar, aos poucos, a canoa.

Após o período das férias escolares, a Prof. Nacleia reuniu as moças para dar início ao processo de construção dos artesanatos

escolhidos. Na escola, a turma desenvolveu um questionário que serviria de roteiro para que elas entrevistassem as pessoas mais velhas sobre como fazer os artesanatos escolhidos. Foram escolhidos artefatos como: cinto, rede de algodão, pulseiras e colares além da wenehu, tipoia bastante utilizada na aldeia para as mães carregarem seus bebês. Nesta atividade as moças tiveram a ajuda do Prof. Mauro, que traduziu para a língua materna, Katxuyana, o questionário. Durante uma semana as meninas se dedicaram às entrevistas.

Na semana seguinte, levaram para a sala de aula os questionários respondidos para, então, começarem os registros sobre seus objetos de estudo. Devido à dificuldade de escrita na língua portuguesa, elas iniciaram seus textos na língua materna. Elas

escolheram a história em quadrinhos para registrar o processo de confecção dos artefatos.

No dia seguinte, à tarde, todas se reuniram na casa da dona Isabel (uma das velhas da aldeia) para iniciar o processo de aprendizado prático de confecção dos artesanatos. Este processo durou alguns dias até que pudessem apresentar uma amostra do que tinham feito. Elas optaram por fazer miniaturas para que desse tempo de terminar o projeto antes da chegada da próxima equipe na aldeia, assim teriam como mostrar seus aprendizados, uma vez que o processo de fazer o artesanato na forma e tamanho convencionais levaria um tempo muito maior.

História em quadrinhos Salina



comprando lona de creche na loja da cidade



Primeira eu fiz molde na madeiro



Retirei a tipora do molde para finalizar em seguida esta moita para ser usada



A tipora sendo usado para carregar bebê

Nós do Programa Educação Patrimonial em Oriximiná retornamos em setembro para a aldeia Santidade para ver como estava o andamento do projeto e participar do encerramento destas atividades. Nesta ida a campo, foram duas pessoas da UFF, a aluna do curso de Produção Cultural e bolsista do programa, Marcela Endreffy e Sonia Maciel, Produtora Cultural e professora colaboradora que participa das atividades desde 2008. Saímos de Oriximiná no dia 16 de setembro e, devido a alguns imprevistos, chegamos na aldeia no dia 18 de setembro à noite. A recepção foi calorosa, todos nos esperavam para a finalização dos projetos.

Na sexta-feira, dia 19 de setembro, foi realizado um encontro com as moças que participaram do projeto esse ano. Através de uma conversa informal, com a ajuda da Prof. Nacleia, elas relataram como os adornos e artefatos foram feitos. Combinamos que faríamos o registro através da filmagem e gravação das falas, na segunda-feira. Como uma das meninas que participou do projeto, a Zileide, estava grávida e precisava ir para a cidade, adiantamos a entrevista com ela.

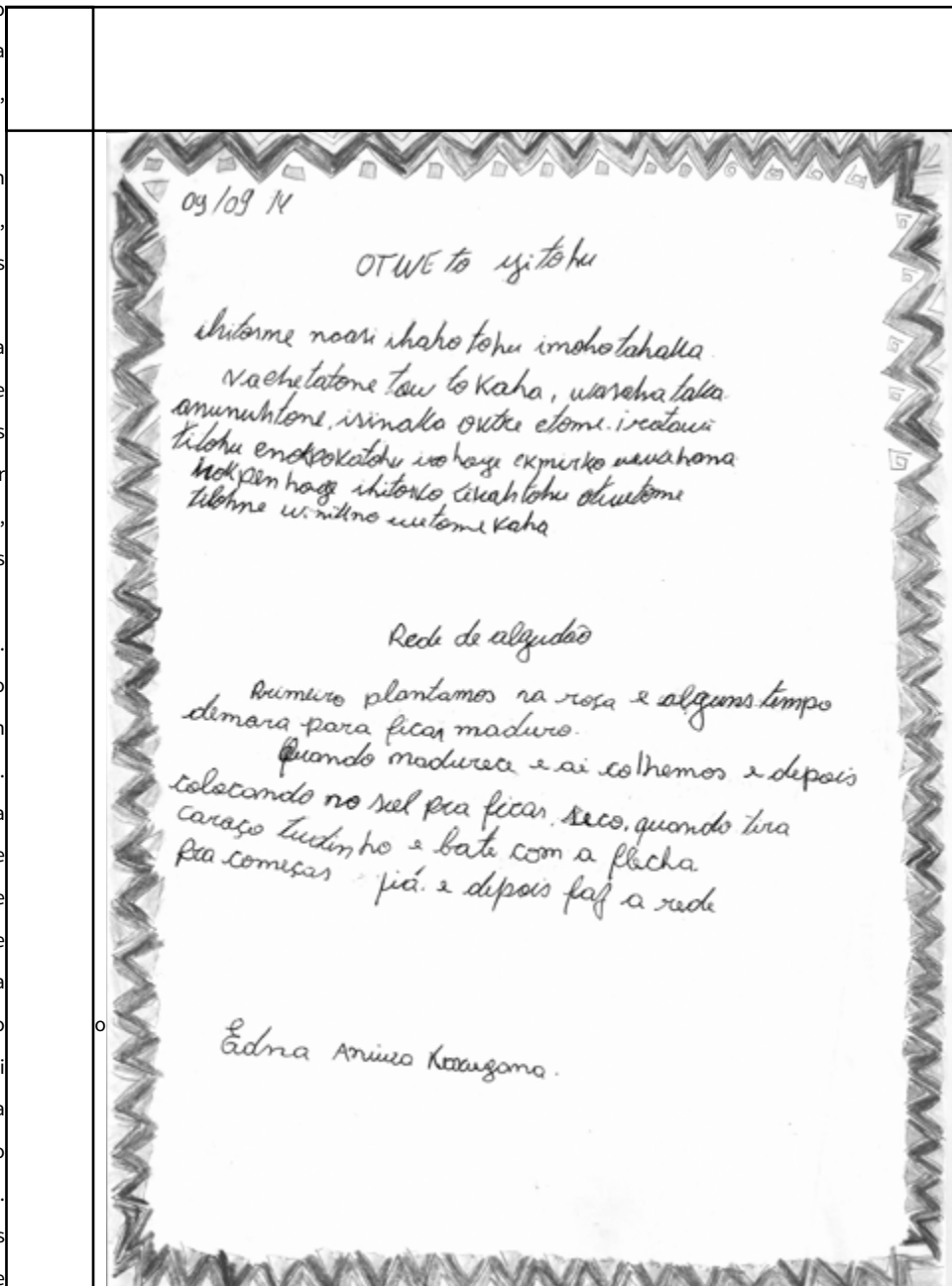
À noite nos reunimos com o Prof. Mauro, cacique da aldeia, para organizarmos as atividades daquela semana.

Fim de semana é folga na escola. Na aldeia, todos se ocupam com seus afazeres rotineiros. Alguns saem para caçar e pescar, outros vão para a roça, alguns preparam alimentos e as crianças brincam.

Domingo é dia de culto. Nos preparamos logo cedo para participar, junto com todos, da reunião na igreja. Esta é uma oportunidade para sermos vistos por todos e estreitarmos nossos laços de comunicação. O Sr. João do Vale dirige o culto e nos apresenta à comunidade, explicando porquê de nossa presença ali naquela semana. Neste dia todos combinaram um mutirão para limpar a frente da aldeia. Enquanto acontecia o culto, os enfermeiros do posto de saúde

preparavam o feijão que seria servido para todos. No mutirão, todos trabalham, até as crianças, cada uma ajuda como pode. Aldeia limpa, banho no rio e comida para todos. E assim, o domingo foi passando, entre brincadeiras e muito trabalho. À noite recebemos a visita do Sr. João do Vale que sugeriu a nossa ida ao lado oposto do rio para que ele pudesse demonstrar todo o processo de fazer canoa. Ficou combinado que a aula daquela manhã de segunda-feira para os rapazes seria na mata. Eles colheriam a madeira e começariam o processo de produzir canoas pequenas para que pudessem aprender todo o processo, já que a canoa grande levaria muito tempo para ser finalizada.

Para fazer a produção das canoas pequenas, saímos pela manhã com o Sr. João do Vale, os professores Mauro Katxuyana e Iranildo Manassa Wai Wai, além dos rapazes participantes do projeto. As crianças da aldeia também quiseram acompanhar. Manassa escolheu várias toras de uma madeira macia, chamada





da Prof. Nacleia, elas foram se soltando e conseguiram, finalmente, falar sobre suas entrevistas. Como resultado, foram confeccionados lindos artefatos, como tipoias, uma rede de algodão em miniatura, cintos e pulseiras, mostrando o quanto elas se dedicaram a aprender os saberes locais transmitidos pelas mulheres mais velhas, as vezes suas avós e mães.

Na terça-feira, dia 23 de setembro, após o almoço, fomos para a floresta, que se localiza atrás da aldeia, depois do roçado, para conhecermos a canoa grande que está sendo talhada. A caminhada durou cerca de 40 minutos. O caminho é difícil, na mata fechada e trechos alagados. Finalmente chegamos ao local onde está sendo talhada a canoa. Nesta atividade estiveram presentes os rapazes Jackson e Renan, alunos do segundo segmento que participaram do projeto, o Sr. João do Vale, o professor Manassa, além de algumas

de molongó. O Sr. João do Vale começou a talhar uma das toras da madeira e todos ficaram observando, enquanto ia explicando como proceder para escavar e dar a forma. Depois de um tempo, os rapazes pegaram as outras toras e começaram a talhar também, foi um trabalho coletivo, cada um fazia um pouco, para que todos pudessem participar. Essa atividade que inicialmente era para produzir uma canoa em miniatura acabou resultando na confecção de várias canoas. Os rapazes continuaram mais tarde a talhar as canoas, sozinhos ou em grupos. Cada um queria mostrar o resultado do seu trabalho, que se estendeu por toda a semana.

À tarde nos reunimos com as meninas para registrar suas falas sobre as experiências vivenciadas durante o projeto nesse ano. Estiverem presentes a Sabrina, Joseni, Livia, Jonaide e Edna. A timidez é um fator que dificulta o relato, mas, com o auxílio

crianças levadas pela curiosidade de ver como é feita uma canoa de verdade. Como é um trabalho que requer tempo e dedicação e como os moradores e alunos da aldeia possuem outras atividades como pesca, caça e roçado não foi possível terminar a produção da canoa grande para este ano, mas foi possível ver a borda da canoa sendo moldada e o início das escavações. Acompanhamos esse momento e registramos o trabalho.

Na quarta-feira, dia 24 de setembro nos reunimos à tarde com os meninos para formalizar essas experiências vivenciadas durante todo o ano. Através de pequenos textos e desenhos, descreveram o passo a passo da produção da canoa e como se sentiram participando deste projeto.

Na sexta-feira, dia 24 de setembro, fizemos um encerramento na escola, no final da tarde. Toda a aldeia estava reunida na tamiriki para ouvir os relatos sobre as experiências



vivenciadas. O Sr. João do Vale falou em Katxuyana e depois traduziu para o português, sobre a importância de se aprender as tradições dos mais velhos e o quanto é importante para a vida social e econômica da aldeia, o aprendizado da construção da canoa. A Prof. Nacleia falou sobre sua participação no projeto e como aprendeu com todos. O Prof. Manassa falou da importância de aprender a fazer a canoa e o Prof. Mauro falou sobre a importância do aprendizado, tanto das práticas tradicionais como o aprendizado da cultura dos não indígenas para que todos possam ter oportunidade de conviver com outras culturas também.

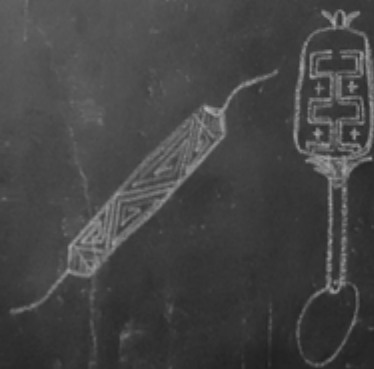
Depois das falas, foi servido um lanche e todos puderam confraternizar.

Pudemos observar, na maioria dos relatos, que os ensinamentos referentes aos saberes e fazeres para a produção dos artefatos e adornos se dão sempre por algum familiar próximo, geralmente os pais ou avós.

Percebemos, também que, através dessa experiência, houve um despertar na população da aldeia de como é importante essa transmissão de saberes e fazeres, aproveitando o que os mais velhos e seus familiares podem ensinar. Um outro ponto foi a percepção de que o aprendizado dos saberes tradicionais pode se tornar fonte de renda.

O que mais nos encantou nesse processo, foi notar o interesse dos jovens em aprender com os mais velhos. No caso do projeto das moças do artesanato, foi muito interessante ver, no momento em que elas estavam confeccionando seus artefatos sob a sombra de uma grande árvore às margens do rio, todas as crianças estarem junto e com grande curiosidade indagavam o que elas estavam fazendo. Seus olhares revelavam interesse também para aprenderem. No caso do projeto dos rapazes, a confecção da canoa trouxe para a rotina da aldeia muitas canoas em miniatura que serviram de brinquedo para a maioria das crianças. Foi lindo acompanhar isso!

Nome: _____
Data: _____



CAPÍTULO 2

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL INDÍGENA MAPUERA ALDEIA MAPUERA

O Projeto de Educação Patrimonial realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Wai Wai, desde 2012, iniciou-se com os trabalhos realizados com a professora Najara Maia juntamente com a professora Sônia Maciel da Unidade Federal Fluminense (UFF). No ano de 2014, sob a responsabilidade do professor Cleber Renato Lima de Almeida, iniciamos os trabalhos com as turmas do 9º “A” e “B” do ensino fundamental e pedimos colaboração de alguns alunos das turmas do ensino médio que já haviam realizado o mesmo projeto nos anos anteriores.

Neste primeiro momento, houve uma conversa informal com os alunos e, propomos os seguintes temas a ser trabalhados:

- a) Plantas Medicinais da Aldeia
- b) Os Artesanatos.

A partir desse momento os alunos decidiram que cada turma trabalharia um tema, que ficou assim dividido:

- 9º ano “A” com as plantas medicinais
- 9º ano “B” com os artesanatos.

Durante as aulas organizamos um questionário para a pesquisa de campo. No dia combinado, saímos na aldeia para realizar as entrevistas com as pessoas mais idosas, ou seja, as que tem mais conhecimentos sobre as plantas medicinais. As pessoas entrevistadas foram a senhora Elza Patwy e o senhor Isarael Kahnama wai wai. Nas entrevistas eles relataram seus conhecimentos sobre remédios caseiros e também ensinaram aos alunos como se preparam esses medicamentos retirados da mata. Dentre os entrevistados o senhor Israel se destacou, respondendo todas as perguntas e

relatou detalhadamente sobre as plantas existentes na aldeia Mapuera, como por exemplo, a carapanaúba que serve para o tratamento de dor no estômago e a folha da goiabeira servem para o tratamento da diarreia.

Em relação à turma do 9º ano “B”, a entrevista aconteceu em outro momento, pois cada turma tratava de um tema diferente. E por isso, a presença do professor Cléber Renato se fazia necessário durante as atividades para melhor direcionar os alunos. Assim, no dia escolhido, fomos à casa do senhor Armando Amanhã Wai Wai, que mostrou para os alunos os artesanatos que já tinha confeccionado, como: cocar, arco e flecha e tanga. A informação mais importante dada foi sobre o tempo de

duração necessário para confeccionar os artesanatos: O cocar, em torno de três dias, já a tanga demora um pouco mais - aproximadamente 5 dias, dependendo do tamanho de cada peça encomendada. O arco e flecha se fazem em um dia. Comentou também que aprendeu a confeccionar artesanatos com seu pai, quando criança, e hoje, depois de muita prática, ensina para seus filhos. Com isso comercializa os artesanatos tanto na aldeia quanto nos centros urbanos, mas sua maior vantagem é a venda na cidade de Parintins – AM, onde é realizado um dos festivais mais conhecidos da região Amazônica “Festival do Boi Garantido e Caprichoso”. Nesse período, com a presença dos turistas, as peças ficam mais valorizadas.

O segundo entrevistado foi o senhor João Wai Wai. Ao chegarmos em sua residência, o encontramos tecendo um jamaxim (uma espécie de cesto cargueiro). O interessante foi que a nossa presença não interrompeu seu trabalho, pois o mesmo continuou tecendo enquanto os alunos realizavam as perguntas do questionário. O senhor João informou para os docentes a quantidade de talas para tecer o jamaxim que corresponde a 16 talas, e ao mesmo tempo falou que quando aprendeu a fazer artesanato achou muito difícil, mas conseguiu com a ajuda de seu pai. Disse ainda que os jovens não gostam de aprender, então os alunos perguntaram se ele já tinha ensinado alguém a confeccionar esse tipo de artesanato na aldeia. Em poucas palavras respondeu “os jovens de hoje não querem aprender qualquer tipo de artesanato, mas quem me procura eu ensino”.

Os alunos gostaram bastante dos relatos do seu João. Depois os mesmos escreveram os dados coletados, tanto na língua materna quanto na língua portuguesa com ajuda dos professores que trabalham com essas disciplinas, que de certa forma contribuíram para o êxito dos nossos trabalhos. Após essa etapa passamos para a construção dos textos, como as receitas das plantas medicinais e o passo a passo para confecção dos artesanatos, que por sua vez contou com a parceria do Programa Mais Educação desenvolvido na escola indígena Wai Wai, onde as atividades de artesanato do programa ajudam no processo da preservação da cultura local.

Nas atividades de artesanato, o monitor do “Mais Educação”, em uma socialização com as turmas do 9º ano “A” e “B” e com as turmas do 1º ao 5º ano explicou a importância dos artefatos enquanto representatividade da cultura, valorização dos saberes locais, que são repassados de pai para filhos. Também falou das atividades que iriam desenvolver durante todo período como: confecções de pulseiras, brincos e colares de miçanga e de semente de morototó (uma semente extraída da floresta, que é utilizada para confeccionar os artesanatos na aldeia), palitos de cabelo, canoas de madeiras em miniaturas e artesanato com argila.

Cada artesanato foi trabalhado de acordo com as atividades propostas, primeiro as peças de miçangas, que o monitor, juntamente

ALGUMAS RECEITAS PESQUISADAS E ESCRITAS PELOS ALUNOS DA ALDEIA MAPUERA

NOME DA PLANTA: MASTREIRO

Usa-se o galho do mastreiro para fazer o remédio quando as pessoas estão com dor de barriga. Tira-se a casca da árvore e usa-se a parte de dentro da casca.

Coloca-se a parte de dentro da casca dentro de uma vasilha com água. Não precisa ferver. Tomar essa água aos poucos até passar a dor de barriga.

Os antigos usam esse remédio para o coração.

NOME DA PLANTA: LIMÃO

O limão, conhecido de todos, é o remédio usado para curar a tosse.

Espreme-se o limão e leva-se ao fogo até ficar grosso. Depois é só colocar na boca. É bom para as crianças pois tira o catarro e as doenças.

NOME DA PLANTA: COQUEIRO

O coco é também um remédio muito importante para nós. Serve para dor de barriga, diarreia e gases na barriga. Só tomando a água de coco, a diarreia e a dor de barriga acaba. É muito bom para as crianças também. Por isso temos o coqueiro.



com a coordenadora do Programa “Mais Educação” já tinham planejado para serem confeccionadas, separaram os materiais fornecidos pelo Programa “Mais Educação” que seriam utilizados na confecção do artesanato, e deixaram tudo organizado para que fosse usado pelos alunos.

No dia marcado o monitor explicou aos alunos como seria a atividade que iriam desenvolver e levou os materiais para a sala de aula. Então, o monitor entregou aos alunos pedaços de linhas, miçangas de cores variadas e mostrou alguns modelos que ele tinha levado de sua casa. Dependendo de cada modelo escolhido pelos alunos, o monitor explicava o passo a passo necessário para a confecção das peças escolhidas. Várias peças como





pulseiras, colares e brincos de miçangas foram confeccionadas, umas saíram perfeitas outras nem tanto, porém respeitando o trabalho e esforço de cada aluno, o monitor recebe as peças prontas e faz alguns reparos posteriormente.

Já as sementes de morototó, por serem colhidas na floresta, são reservadas em quantidade pelas famílias para uso posterior. O monitor, então, pediu que cada aluno levasse uma quantidade para a escola, para confeccionarem as peças. Estas sementes são utilizadas pelas mulheres da Aldeia na confecção de quase todos os artesanatos. O processo é o mesmo das peças de miçangas.

Em relação à confecção dos palitos de cabelo, o monitor cortou os pedaços de madeira próprios para a confecção da peça e os levou para a sala, para facilitar o trabalho das crianças e até mesmo não correr o risco de se acidentarem na hora da atividade, pois é necessário o manuseio de objetos cortantes. O monitor utiliza penas artificiais de cores variadas e os alunos escolheram as cores das penas que queriam usar. Com a instrução do monitor confeccionaram as peças e deram o acabamento com miçangas e linha de crochê. Nessa atividade todos os alunos participaram e confeccionaram peças muito bonitas.

Para os artesanatos de argila, o monitor, juntamente com os alunos, saiu da escola e foi até a margem do rio retirar a argila. No percurso

explicou que, para confeccionar os artesanatos, a argila teria que passar por alguns processos. Chegando ao local retiraram uma quantidade que seria suficiente para todos. Retornaram para a escola, colocaram a argila em um balde de plástico com um pouco de água para que não endurecesse. No dia seguinte o monitor e os alunos amassaram a argila com as mãos, até ficar uma massa consistente para, então, confeccionar os artesanatos escolhidos: painéis em miniaturas e brinquedos que, depois de prontos, foram colocados em um lugar na escola para deixar secar as peças.

Durante todo esse processo os alunos das turmas do 9º ano foram observadores, fazendo anotações, fotografando e até filmando as atividades realizadas por esses pequenos alunos. Consideramos essa parceria gratificante para o nosso projeto, pois isso contribuiu para enriquecer os nossos conhecimentos e valorização de nossa cultura. Assim finalizamos nossos trabalhos com uma socialização na escola de tudo o que foi produzido durante o ano letivo, e para esse momento os alunos idealizaram uma camisa que foi confeccionada com características do povo indígena Wai Wai.

Cléber Renato Lima de Almeida

Professor da área indígena wai wai

Pra fim de conversa

Como viram, muito foi feito ao longo do ano de 2014!

As sete escolas, com seus professores, estudantes, comunitários juntamente com a equipe da UFF de docentes, discentes e outros colaboradores se envolveram em diferentes experiências de etnoeducação.

Em 2015 as ações em etnoeducação continuam a acontecer através da parceria entre a Universidade Federal Fluminense e a Secretaria Municipal de Educação de Oriximiná.

Se você quiser saber mais sobre estas e outras experiências, visite nosso site: www.patrimoniocultural.uff.br

Até a próxima!

Equipe do Programa Educação Patrimonial em Oriximiná/PA.

